

ANNO IV

BAHIA

NUMEROS 5 e 6

*Conferencia do Dr. Rodrigues*  
*Pags. 31 a 37*

REVISTA DE

EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO BAHIANA  
DE EDUCAÇÃO)

MARÇO DE 1932



1932  
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
RUA SILVA JARDIM, 14—TELEPHONE 5370  
BAHIA

**REDATOR, o Secretario Geral**

*Arquimedes Pereira Gulmarães*

ANNO IV

BAHIA

NUMEROS 5 e 6

---

EDUCAÇÃO NORMAL

REVISTA DE

EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO BAHIANA  
DE EDUCAÇÃO)

—\*—

MARÇO DE 1932



1932

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
RUA SILVA JARDIM, 14—TELEPHONE 5370  
BAHIA

## EDUCAÇÃO NORMAL

ISAIAS ALVES

É interessante dizer que os Estados Unidos estão agora entrando na fase de treino universal de professores. Até poucos anos, o graduado de escola secundária era o professor primário. Ainda hoje, nas escolas rurais, nem todos os professores têm grão de bacharel ou graduação em uma escola normal. Há pleiada de professores formados nas cidades, mas há ainda escolas rurais onde as professoras são simples graduadas de *High School*. Por isso tem havido intensa campanha pelo treino de professores e os governos estão obrigando as que já exercem o cargo a se matricular em escolas de verão ou cursos de férias, sob pena de não serem reconduzidos no ano escolar imediato.

Dai, vem a formidável frequência das «*Summer Sessions*», verdadeira mobilização das professoras e professores do país.

Ao lado desse trabalho de reajustamento que tão grande falta faz ao Brasil, há cuidadosa organização de escolas normais e colegios de professores, que constituem uma das mais belas características da educação americana do presente.

Verdade é que o problema está encontrando solução inesperada na crise econômica e social do presente. Até dez anos atrás uma professora permanecia no trabalho escolar a média de 2 anos e meio, porque ou se casava ou passava aos cargos acmi-

nistrativos do ensino, ou era promovida a escola secundaria, ou ainda preferia outra profissão. Havia extraordinaria instabilidade na organização escolar e eram admitidos, anualmente, muitos milhares de novas professoras. Com a depressão, a diminuição de oportunidades, as professoras começaram a demorar nos seus cargos e hoje a media de permanencia está entre 7 e 8 anos, com toda probabilidade de se elevar.

Já este fato se reflete na frequencia das escolas normais de Nova-York. A Escola de Manhattan que era frequentada por 1.700 alunos, reduziu a matricula a 500, porque o governo da cidade não pôde nomear as professoras formadas, estando cerca de 6.000 inscritas nas listas para nomeação, que esperam. Nesta condição, o problema do treino muda bastante e é bem provavel que a escola americana venha lucrar com a impossibilidade de mudarem as professoras a sua situação durante o tempo necessario á sua completa adaptação á função pedagogica, atravessando o periodo de iniciação, que é o mais importante.

O treino de professores se dá nos Estados Unidos em escolas normais e em collegios de professores. Ambos estão se aproximando grandemente, de modo que em alguns anos os ultimos constituirão a organização unica.

As escolas normais são de dois e tres anos de curso e os collegios são de quatro anos, concluidos os quais os estudantes recebem o grão de Bacharel em Artes ou em Ciencias. Algumas escolas normais estão já com quatro anos de curso e concedem o grão de Bacharel em Artes e Bacharel em Ciencias.

Para matricula em uma escola normal, o candi-

dato deve ser graduado em *High School*, o que significa ter oito anos de escola elementar e quatro de secundaria ou 12 anos de estudos e idade aproximada de 18 anos. Deste modo, a professora primaria americana tem em media 21 anos de idade ao receber a primeira investidura.

Deve-nos interessar a organização do curriculo das escolas normais, pois ainda as ha brasileiras que não possuem cadeiras fundamentais, como a da Bahia, que é uma simples escola secundaria.

Vejamos as tres escolas normais da cidade de Nova-York, que são em Manhattan (New York Training School), em Brooklin (Maxwell Training School) e em Eueens (Jamaica Training School).

#### PRIMEIRO ANO — PRIMEIRO SEMESTRE

MATERIAS	Horas por semana
1 Inglês	3
2 Educação Sanitaria, (Fisiologia, Higiene, Saneamento, Nutrição, Sintomas de Molestias, Recreiação, Educação Física)	2
3 Psicologia Geral	4
4 Musica	1
5 Desenho	2
6 Ciencias Naturais	2
7 Caligrafia	1
8 Aritmetica.	2
9 Observação e participação.	1
10 Introdução á arte de ensinar	2

#### PRIMEIRO ANO — SEGUNDO SEMESTRE

	Horas por semana
1 Inglês	3

2 Prática de Biblioteca	1
3 Educação Sanitária	2
4 Psicologia Educacional	4
5 Música	1
6 Desenho	2
7 Teoria do Jardim de Infância	4
8 Observação e participação	1
9 Sociologia	2

Em vez de Teoria do Jardim de Infância os que preferirem terão cursos em Geografia e em História (Origens européas da história americana).

#### SEGUNDO ANO — (3.º E 4.º SEMESTRES)

1 Inglês	3
2 Educação Sanitária	2
3 Psicologia das Materias do Ensino Primario e Testes mentais e pedagogicos	2
4 Trabalho Manual (Arte industrial ou costura)	2
5 Teoria do Jardim de Infância	4
6 Ciências Naturais	2
7 Manejo da Classe	2
8 Música	2
9 Desenho	2
10 Técnica do ensino	2
11 Observação e Prática	18

Em vez da Teoria de Jardim da Infância podem seguir os cursos de História e Civismo, Geografia e Aritmetica.

#### TERCEIRO ANO — (5.º SEMESTRE)

1 Inglês	3
----------	---

2	Educação Sanitaria	2
3	Educação Experimental	2
4	Musica	1
5	Historia	3
6	Especialização de uma materia (historia da materia, incluindo organização e conteúdo)	5
7	Materias eletivas	4

Em vez de terem o curso de Historia, os alunos podem ter sete horas em materias que eles preferam (eletivas).

#### TERCEIRO ANO — (6.º SEMESTRE)

1	Inglês	3
2	Educação Sanitaria	2
3	Historia da Educação	2
4	Etica Profissional	1
5	Musica	1
6	Especialização de uma materia (Metodos da materia, incluindo observação e participação)	5
7	Geografia	3
8	Eletivas (Materias)	3

Em vez de terem Geografia, podem ter seis horas de materias eletivas.

#### QUARTO ANO — (7.º SEMESTRE)

1	Inglês	2
2	Lingua estrangeira	3
3	Educação Sanitaria	2
4	Musica	1
5	Filosofia da Educação	2



6	Especialização	5
7	Materias eletivas	5

#### QUARTO ANO — (5.º SEMESTRE)

Inglês	2
Lingua Estrangeira	3
Educação Sanitaria	2
Musica	1
Filosofia da Educação	2
Especialização	5
Eletivos	5

Vejamos agora o curriculo da Escola Normal de Filadelfia (tres anos de curso):

#### PRIMEIRO SEMESTRE

##### I. Materias fundamentais:

Arte	2 horas
Inglês	3 >
Educação Sanitaria	5 >
Ciencia de Biblioteca.	1 >
Musica	2 >
Psicologia.	3 >
Serviço Social	3 >

##### II. Technica do ensino:

Introdução ao ensino.	3 >
Observação de Pratica Escolar	1 >

##### III. Clubes

Auditeño.	1 >
-----------	-----

#### SEGUNDO SEMESTRE

##### I. Materias fundamentais:

Arte	2 horas
Inglês	2 >

Educação Sanitaria	2 horas
Psicologia.	2 »
II. Technica do Ensino:	
Processo do ensino . . . . .	2 »
Materias para ensinar:	
Inglez—Leitura. . . . .	2 »
Geografia estudo da natureza . . . . .	3 »
Educação Sanitaria . . . . .	3 »
Historia e Civismo . . . . .	3 »
Artes Industriais . . . . .	2 »
Matematicas . . . . .	2 »
III. Clubes . . . . .	1 »
Auditorios . . . . .	1 »

TERCEIRO SEMESTRE

I. Materias fundamentais:

Inglês . . . . .	2 horas
Psicologia . . . . .	2 »

II. Technica do ensino:

Processo de ensino . . . . .	1 »
Arte . . . . .	2 »
Ensino de inglês . . . . .	3 »
Caligrafia. . . . .	2 »
Educação Fisica . . . . .	2 »
Artes Industriais . . . . .	2 »
Ma.ematica . . . . .	1 »
Musica . . . . .	2 »
Testes pedagogicos . . . . .	2 »
Problemas de aula . . . . .	2 »
III. Clubes . . . . .	1 »
Auditorio. . . . .	1 »

## QUARTO SEMESTRE

Prática 9 semanas Teoria 9 semanas

I. Materias fundamentais:		
Inglês . . . . .	5 horas	5 horas
Psicologia . . . . .	2	2
Serviço Social . . . . .	0	4
História da Educação . . . . .	2	2
Princípios de High School . . . . .	0	4
II. Técnica do ensino:		
Processo do ensino . . . . .	2	2
Arte (eletiva) . . . . .	0	4
Educação Física (eletiva) . . . . .	0	4
Artes Industriais ( . . . ) . . . . .	0	4
Musica (eletiva) . . . . .	0	4
Prática do ensino . . . . .	12	0
III. Clubes . . . . .		
Auditorio . . . . .	1	1

## QUINTO SEMESTRE

Prática 9 semanas Teoria 9 semanas

I. Materias fundamentais:		
Arte . . . . .	0 horas	2 horas
Inglês . . . . .	0	2
História da Educação (genesis dos problemas educacionais correntes) . . . . .	0	2
Educação Física . . . . .	0	1
Princípios e Problemas de <i>Junior High School</i> . . . . .	0	4
Musica . . . . .	0	2
Filosofia da Educação . . . . .	0	2
Relações profissionais . . . . .	0	2
Serviço Social . . . . .	0	4

II. Técnica do Ensino:			
Prática do Ensino . . . . .	25	»	0 0
Problemas do manejo da aula . . . . .	0	»	2 »
III. Clubes . . . . .	0	»	1 »
Auditorio . . . . .	0	»	1 »

## SEXTO SEMESTRE

	9 semanas		9 semanas
Elementos de adminis- tração escolar . . . . .	0 horas		4 horas
Arte . . . . .	0	»	2 »
Inglês . . . . .	0	»	2 »
Historia da Educação (genesis dos proble- mas educacionais cor- rentes) . . . . .	0	»	2 »
Educação Sanitaria (Hi- giene) . . . . .	0	»	1 »
Principios e Problemas de <i>Junior High School</i> . . . . .	0	»	4 »
Musica . . . . .	0	»	2 »
Filosofia da Educação . . . . .	0	»	2 »
Relações profissionaes . . . . .	0	»	2 »
II. Técnica do Ensino:			
Educação Visual . . . . .	0	»	2 »
Prática do Ensino . . . . .	25	»	0 »
III. Clubes . . . . .	0	»	1 »
Auditorio . . . . .	0	»	1 »

Estes cursos devem ser descritos mostrando o intuito de cada um.

ARTE—No primeiro e segundo semestres, consta

de desenho e pintura, a fim de «cultivar a apreciação das relações de beleza, de forma e cor em objetos naturais e artificiais; estimular o impulso creador e desenvolver o poder de visualizar; dar facilidade na expressão grafica, no quadro negro e no papel para illustração de outros assuntos do curriculo e demonstrações na arte de ensinar.

No quinto trimestre - *Illustração*—tendo por fim «desenvolver um crescente sentimento de segurança em rapida demonstração deante da classe; habitos de auto-critica; rapidez com apropriada expressão na illustração livre.

No sexto semestre—*Apreciação*—tendo por fim desenvolver apreciação da arte por visitas a galerias e museos.

ELEMENTOS DE ADMINISTRAÇÃO—(6.º semestre)  
Tem por fim «desenvolver no futuro professor algum conhecimento e apreciação do trabalho da escola como um todo; desenvolver forte mentalidade profissional e alto ideal etico, pelos principios em que se baseam a administração e fiscalização da escola elementar.»

GENESE DOS PROBLEMAS EDUCACIONAIS CORRENTES—(4.º semestre) para desenvolver o conhecimento do progresso da educação e alguma habilidade em avaliar os presentes problemas e tentar sua solução e ainda uma apreciação dos problemas resolvidos no passado e seus respectivos líderes.

O mesmo curso no 5.º semestre procura «desenvolver apreciação do atual sistema de escola publica pelo conhecimento da historia do seu desenvolvimento e habilidade no tratar os problemas atuais com o

auxílio do conhecimento dos problemas resolvidos no passado.»

No 6.º semestre, o objetivo do curso é «familiarizar o estudante com os problemas que surgiram na última década do século 19 e com os educadores contemporâneos e com os centros de influência.»

Ha no Brasil esse trabalho?

PRINCIPIOS E PROBLEMAS DE JUNIOR HIGH SCHOOL—É interessante dizer que o povo americano não tem progredido em instrução por imposição, mas por adaptação lenta e paciente. A *Junior High School* é instituição moderna, para atender às novas tendências da juventude, creados pela mais clara consciencia da vida social pelos meninos e pela menor compressão disciplinar pela familia e pela escola.

O ensino elementar nos Estados Unidos vai até os 14 anos e observou-se que muitos meninos de 12 para 13 anos já se achavam muito desenvolvidos para as classes elementares, mas pouco maduros para o ensino secundario tradicional.

Outros eram bastante inteligentes e ficavam perdendo tempo e perturbando-se emocionalmente num ambiente improprio. Estes dois motivos principais fizeram mudar a organização, de modo que surgiu a *Junior High School* ou escola secundaria inferior.

A organização em 8 elementares e 4 secundarios passou a ser de 6 elementares, 3 *junior* e 3 *senior high school*.

Para melhor compreender este sistema, é preciso saber que o ensino secundario se vai universalizando e que ha o maior interesse dos governos de que os meninos não sejam embaraçados nas promoções, que se tornam faceis porque os estudos são es-

colhidos pelos próprios merinos, quando se trata de matérias eletivas.

Crearam-se então novas necessidades de reajustamento, novas atitudes, novos problemas filosóficos e psicológicos e a consecutiva bibliografia, hoje rica e por isso mesmo o curso da escola normal a que estamos abrindo espaço, isto é, **lins**, organização e administração da *Junior High School*. Orienta-se o estudante na máquina administrativa da organização, nos princípios básicos de seu currículo, da avaliação dos assuntos que o devem compor, na justificação das atividades extra-curriculares, no desenvolvimento e incentivo de uma atitude do professor no sentido das atividades extra-curriculares, na formação de líderes de taes atividades.

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**—O objetivo deste curso é «dar ao futuro professor uma vista unificada do processo educativo, afim de que adquira uma filosofia prática que lhe dê princípios que guiem sua ação pedagógica e o auxiliem a interpretar corretamente suas experiencias.»

O curso de filosofia é incontestavelmente indispensável em qualquer escola normal, mas convem que se não confunda filosofia da educação com discussão de sistemas filosóficos.

**RELAÇÕES PROFISSIONAIS**—Estudo das relações administrativas dos diferentes sistemas educacionais locais, estaduais e federais e dos detalhes de administração e fiscalização que podem facilitar o ajustamento do futuro professor à organização escolar. Além disso, o curso procura cultivar um forte espírito profissional.

**PSICOLOGIA**—No primeiro semestre o curso apre-

senta os fundamentos da psicologia educacional e familiariza com as possibilidades de modificação e educação do organismo humano.

No *segundo semestre*, estudam-se as leis da aprendizagem, mostrando as fases do processo de aprender.

No *terceiro semestre*, faz-se aplicação das leis de psicologia sob a doutrina do estímulo-reação e dá-se uma vista das varias escolas psicologicas e exemplificação dos meios de tratar a medida da conduta por testes coletivos e individuais de inteligencia.

No *quarto*, dá-se a psicologia das materias do ensino primario para habilitar os futuros professores a aplicar as leis da aprendizagem na analise e interpretação dos assuntos que tem dado oportunidade a tanto ivro defeituoso e tanta pratica anti-economica e nociva.

INGLÊS — Neste curso, os futuros professores aperfeiçoam os seus conhecimentos em inglês para ensinar.

*Primeiro semestre* — Composição escrita, com o fim de desenvolver habito de clareza, exatidão e facilidade de expressão.

No primeiro semestre haverá também uma hora por semana para exercicios morais, afim de ensinar os estudantes a corrigir os defeitos dos meninos de escola.

*Segundo semestre* — estudo do drama contemporaneo, com uma revista do teatro moderno, fazendo-se leitura intensiva do maior numero possivel de peças teatraes do ponto de vista de nacionalidade, do tema e tratamento.

*Terceiro semestre* — Composição escrita, com es-



tudo tecnico de cada forma convencional, sem destaca-las completamente.

*Quarto semestre*—Duas horas de composição escrita, e duas de composição oral, tendo por fim desenvolver o uso facil e effectivo do inglês como instrumento, com uso de definições, analyses, interpretação, apresentação de assuntos, critica literaria, editorial de jornaes, ensaios.

*Quarto semestre*—Aqui, o curso procura aumentar o conhecimento da literatura infantil e apreciação das poesias e contos infantis e desenvolver uma attitude ideal e entusiastica para com o assunto.

*Quinto semestre*—O curso faz o estudante familiarizar-se com o campo da poesia moderna tanto americana como inglesa, por meio de leitura e consideração detalhada de poemas tipicos e treinar-se na leitura de versos para fins de ensino.

*Sexto semestre*—Habituar o estudante a algumas das formas mais simples da composição creadora, com estudo tecnico do dialogo, bosquejos, contos.

**BIBLIOTHECA**—O fim é dar aos futuros mestres um conhecimento seguro dos recursos da biblioteca, com especial referencia ás necessidades das professoras do ensino elementar.

**MUSICA**—No primeiro semestre, tem o intuito de familiarizar o estudante com o curso de estudos e o tipo de material musical usado nos graus elementares. Presupõe conhecimento da teoria elementar da musica e facilidade de ler musica de moderada dificuldade e conhecimento pratico de treino elementar de ouvido.

No quinto semestre, o curso procura treinar os

futuros mestres no modo de apresentar a apreciação da musica nos graus elementares.

No sexto semestre inclue-se a discussão de problemas praticos que surgiram á experiencia do estudante no ensino de apreciação da musica nos graus elementares; materiais e metodos de conduzir musica de auditorio; organização e direção de orquestras; projetos de correlação de musica vocal e de discos com outros assuntos escolares; clubes de musica, clubes de apreciação, operetas.

**SERVIÇO SOCIAL**—No primeiro semestre, o objetivo é desenvolver a materia prima sociologica possuida pelo grupo de estudantes e cultivar o espirito de pesquisa com a comunhão escolar, como laboratorio.

No quarto semestre, procura-se desenvolver a compreensão da nova enfase no bem estar da criança, isto é, «para cada menino uma oportunidade individualizada.»

No quinto semestre, procura-se aumentar a familiaridade do estudante com os recursos sociais da Filadelfia e com seu valor para ele como professor que está interessado em tudo que se pode usar para o completo desenvolvimento dos meninos.

Procurar-se-ão examinar casos interessantes com os funcionarios de organizações que tratam do bem estar das familias, de meninos asilados, de orientação infantil, de orientação de escolares.

Veja-se, aqui, como o professor é educado como um agente de melhoramento social.

**TECNICA DO ENSINO**—Introdução ao ensino no primeiro semestre, com tres objetivos: analise introdutoria dos objetivos da educação; estudo e interpre-

tação dos princípios em que se baseia o aprender e o ensinar; observação dirigida do trabalho da aula.

No segundo semestre, *processo de ensinar*, ou revisão e aplicação concreta das leis e princípios estudados no primeiro semestre.

No terceiro semestre, *rever e demonstrar as leis e princípios*, exemplificar o uso de *metodos e tecnicas*, demonstrar o poder da *analise e da critica construtora*, articular o curso e processo de ensino através de todo o periodo de treino da escola normal.

No quarto semestre, continuar o trabalho do semestre anterior, havendo conferencias pessoais com os inspetores, desenvolvendo-se os mesmos planos no intuito de melhorar os professores por meio de observações de trabalho escolar, de *nivel elevado de eficiencia*, visto nas lições de demonstração.

ESTUDO DAS MATERIAS ESCOLARES A ENSINAR.— Nesta seção, os estudantes teem cursos de *Arte, Inglês, Geografia e Estudo da Natureza, Calligrafia, Educação Sanitaria (Higiene e Educação Fisica) e Historia e Civismo, Artes Industriais, Matematicas, Musica, Problemas de manejo da aula, Testes mentais e pedagogicos, Educação visual.*

Estes cursos estão em conexão com as aulas de observação e participação, de sorte que os alunos vejam praticar e pratiquem os metodos preconizados.

Na classe de «Problemas de manejo da aula» procuram-se desenvolver os principios fundamentais do treino de carater, por meio de casos que *surgem nas escolas elementares de uma grande cidade*. desenvolver uma *atitude critica no espirito dos professores iniciantes* acerca do seu modo de tratar individuos; dar oportunidade para alguns estudantes de sa-

pacidade superior: fazerem pesquisa independente, no campo de treinamento de caráter.

Na «Classe de testes mentais e pedagógicos», no terceiro trimestre, o fim do curso é familiarizar o estudante com as vantagens dos exames objetivos e com a técnica das medidas educacionais; praticá-los na seleção, administração, apuração dos testes, fornecer oportunidade para reunir, organizar e interpretar dados estatísticos, desenvolver habilidade em diagnosticar as anormalidades e aplicar o tratamento em leitura, escrita, aritmética e demais matérias do ensino primário; criar atitude profissional em favor dos testes e da padronização; lançar as bases do trabalho de exames psicológicos a serem feitos no quarto trimestre.

**OBSERVAÇÃO E PRÁTICA**—Durante o primeiro semestre, há uma hora de observação por semana, na Escola de Prática, sendo cada observação feita como de discussão posterior. O trabalho é organizado de modo que o estudante possa observar todos os graus escolares, durante o primeiro semestre.

No segundo e terceiro trimestres, o trabalho continua no mesmo plano e o professor de métodos, depois de cada observação e demonstração, dirige um período de discussão.

No quarto semestre, em 12 horas por semana, cada aluno ensina em dois diferentes graus. A prática é acompanhada de discussão regular com os professores e inspetores. Neste semestre, devota-se uma hora por semana à observação e discussão de lições de demonstração, especialmente planejadas.

Tais lições são feitas por professores da seção de prática e pelos da de educação.

No quinto semestre, cada estudante é designado para ensinar durante nove semanas numa das escolas anexas, tendo completa responsabilidade por todo o trabalho da sala por alguns dos últimos dias daquele período.

No sexto semestre, o aluno tem a completa responsabilidade da aula por nove semanas seguidas, sendo obrigado a todo o trabalho regular de ensino e disciplina. Há um professor de prática que se incumbem de duas outras salas, auxiliando o aluno regente quando for necessário.

TREINO DE PROFESSORAS DE JARDIM DE INFÂNCIA—Difere a ação da professora do Jardim de Infância do trabalho e atuação da professora elementar. Não analisaremos os cursos, mas daremos o currículo que se comparará facilmente com o anteriormente registrado.

PRIMEIRO SEMESTRE—O mesmo do curso normal.

#### SEGUNDO SEMESTRE

##### I. Materias fundamentais:

Literatura Inglesa . . . . .	2 horas
Principios de Jardim de Infancia . . . . .	6 "
Psicologia . . . . .	2 "

##### II. Technica do ensino:

Processo do ensino . . . . .	1 "
------------------------------	-----

##### Materias para ensinar:

Ensino de leitura primaria . . . . .	2 "
Geografia e estudo da Natureza . . . . .	2 "
Educação Sanitaria . . . . .	2 "
Historia e Civismo . . . . .	2 "
Artes Industriais . . . . .	2 "
Matematica . . . . .	2 "

III. Clubes . . . . .	1 »
Auditorio . . . . .	1 »

## TERCEIRO SEMESTRE

Composição Inglesa . . . . .	2 horas
Método de Jardim da Infancia . . . . .	2 »
Psicologia . . . . .	2 »
Processo de ensino . . . . .	1 »
Ensino de Arte . . . . .	2 »
Ensino de Inglês . . . . .	2 »
Ensino de Escrita . . . . .	2 »
Ensino de Educação Sanitaria . . . . .	2 »
Ensino de Musica . . . . .	2 »
Testes educacionais . . . . .	2 »
Problemas de aulas . . . . .	2 »
Auditorio . . . . .	1 »

## QUARTO SEMESTRE

	9 semanas	9 semanas
Composição Inglesa . . . . .	3 horas	3 horas
Literatura Inglesa . . . . .	2 »	2 »
Historia da Educação . . . . .	2 »	2 »
Métodos de Jardim da Infancia . . . . .	0 »	10 »
Psicologia . . . . .	2 »	2 »
Serviço Social . . . . .	0 »	4 »
Processo de ensino . . . . .	2 »	0 »
Observação e pratica . . . . .	12 »	0 »
Clubes . . . . .	1 »	1 »
Auditorio . . . . .	1 »	1 »

## QUINTO SEMESTRE

	9 semanas	9 semanas
Composição Inglesa . . . . .	0 horas	2 horas
Historia da Educação . . . . .	0 »	2 »
Educação Sanitaria . . . . .	0 »	2 »
Curriculo de Jardim da Infancia . . . . .	0 »	8 »
Filosofia de Educação . . . . .	0 »	2 »
Relações profissionais . . . . .	0 »	2 »
Serviço Social . . . . .	0 »	4 »
Observação e pratica . . . . .	25 »	0 »
Problemas de aula . . . . .	0 »	2 »
Clubes . . . . .	0 »	1 »
Auditorio . . . . .	0 »	1 »

## SEXTO SEMESTRE

	9 semanas	9 semanas
Elementos de adminis- tração . . . . .	0 horas	4 horas
Literatura Inglesa . . . . .	0 »	2 »
Historia da Educação . . . . .	0 »	2 »
Educação Sanitaria . . . . .	0 »	1 »
Curriculo de Jardim da Infancia . . . . .	0 »	8 »
Filosofia da Educação . . . . .	0 »	2 »
Relações profissionais . . . . .	0 »	2 »
Educação visual . . . . .	0 »	2 »
Observação e pratica . . . . .	25 »	0 »
Clubes . . . . .	0 »	1 »
Auditorio . . . . .	0 »	1 »

Observe-se que os alunos só tem 25 horas

por semana. A Filosofia da Educação tem grande saliência. A psicologia e os testes educacionais são dados em quatro semestres, além do trabalho psicológico da teoria, metodos e currículo de Jardim de Infancia.

PROGRAMA DO CURSO DE EDUCAÇÃO DOMESTICA—Uma Escola Normal *que possa ter este nome* não dá uma simples aula de educação domestica. Tem, ao contrario, um departamento em que se fazem as futuras professoras que dirigirão as seções de educação domestica nas escolas primarias e secundarias.

No Brasil, a familia ainda está muito integrada e as moças aprendem a ser donas de casa com as proprias mães. Não é bastante, porém, este metodo porque os problemas da vida se estão complicando de tal modo que em breve chegaremos á situação de absoluta necessidade de treino escolar neste assunto. É o que se dá nos países civilizados, onde é preciso economizar nos alimentos, no vestuario, na manutenção da casa. Faz-se, pois, mister organizar as escolas normais no sentido de orientarmos as moças na gerencia do lar, de modo mais economico. Esse trabalho de ensino é especial e não pode ser entregue aos professores do curso normal comum.

Veamos o programma do curso de EDUCAÇÃO DOMESTICA.

#### PRIMEIRO SEMESTRE

##### I. Materias fundamentais:

Arte - desenho . . . . .	2 horas
Inglês - composição . . . . .	2 »
Inglês - linguagem . . . . .	1 »
Educação Sanitaria e Higiene . . . . .	2 »



Educação Física . . . . .	3 »
Física . . . . .	4 »
Psicologia . . . . .	3 »
Serviço Social . . . . .	3 »
II. Técnica do ensino:	
Introdução ao Ensino . . . . .	3 »
III. Clubes . . . . .	
Auditorio . . . . .	1 »

## SEGUNDO SEMESTRR

I. Materias fundamentais:	
Arte-desenho . . . . .	2 horas
Bacteriologia . . . . .	5 »
Quimica . . . . .	4 »
Vestuario . . . . .	6 »
Educação Física . . . . .	2 »
Psicologia . . . . .	2 »
II. Técnica do Ensino:	
Ensino de Vestuario . . . . .	2 »
III. Clubes . . . . .	
Auditorios . . . . .	1 »

## TERCEIRO SEMESTRE

I. Materias fundamentais:	
Arte-desenho . . . . .	2 horas
Quimica . . . . .	4 »
Vestuario . . . . .	4 »
Composição inglesa . . . . .	2 »
Alimentos . . . . .	2 »
Fisiologia . . . . .	5 »
II. Técnica do ensino:	
Ensino de alimentos . . . . .	2 »

Problemas de aulas . . . . .	2 horas
III. Clubes . . . . .	1 »
Auditorio . . . . .	1 »

## QUARTO SEMESTRE

## I. Materias fundamentais:

	9 semanas	9 semanas
Quimica . . . . .	4 horas	4 horas
Vestuario . . . . .	3 »	3 »
Composição Inglesa. . . . .	2 »	2 »
Alimentos . . . . .	0 »	6 »
Principios de <i>Junior High</i> <i>School</i> . . . . .	2 »	2 »
Serviço Social. . . . .	2 »	2 »

## II. Tecnica de ensino:

Ensino de Vestuario . . . . .	0 »	1 »
Ensino de Alimentos . . . . .	0 »	1 »
Pratica de ensino . . . . .	12 »	0 »

III. Clubes . . . . .	1 »	1 »
Auditorio. . . . .	1 »	1 »

## QUINTO SEMESTRE

## I. Materias fundamentais:

	9 semanas	9 semanas
Inglês-Composição oral . . . . .	0 horas	2 horas
Alimentos. . . . .	0 »	7 »
Principios de <i>Junior High</i> <i>School</i> . . . . .	0 »	4 »
Filosofia da Educação . . . . .	0 »	2 »
Relações profissionais . . . . .	0 »	2 »
Serviço Social. . . . .	0 »	4 »

## II. Técnica do ensino:

Problemas de manejo da

aula . . . . .

0

»

2

»

Prática de ensino . . . . .

25

»

0

»

## III. Clubes . . . . .

0

»

1

»

Auditorio . . . . .

0

»

1

»

## SEXTO SEMESTRE

## I. Materias fundamentais:

9 semanas

9 semanas

Composição Inglesa. . . . .

0 horas

2 horas

Familia . . . . .

0

»

6

»

Alimentos . . . . .

0

»

7

»

Principios de *Junior High**School* . . . . .

0

»

4

»

Filosofia da Educação . . . . .

0

»

2

»

Relações profissionais . . . . .

0

»

2

»

Prática de ensino . . . . .

25

»

0

»

## III. Clubes . . . . .

0

»

1

»

Auditorio. . . . .

0

»

2

»

Vê-se que a psicologia e a filosofia da educação aí se acham. Realmente, como cumprir o programa do sexto semestre no item «Familia» sem auxilio dos conhecimentos daquelas duas seções?

De fato, o fim daquele item «é estudar a familia como centro da vida da criança, incluindo o estudo das condições que concorrem para a estabilidade do grupo familiar, com especial consideração da reação dos membros da familia sobre a criança.»

TREINO DE PROFESSORES DE JOGOS E DESPORTOS—Ha ainda cursos especiais para professores que vão ser encarregados do trabalho de não menos im-

portancia, dos jogos e desportos. O programa geral das atividades inclui cursos teóricos e práticos relacionados com a organização e administração de trabalhos dos campos de desportos.

Os assuntos são atletismo, dança, cantos, contar historias, artes dramaticas, habilidade manual e *filosofia do desporto*.

Em conexão com todos os cursos ha numerosos clubes em que os estudantes praticam verdadeira iniciação para a vida de mestres futuros. Todos estes clubes concorrem para o desenvolvimento de atitude profissional optimista tão necessaria no tratamento com meninos e crianças.

RASÕES DE SUPERIORIDADE—Do que ficou rapidamente descrito, verifica-se a rasão da eficiencia do ensino nos Estados Unidos. Não é o material, não são os predios. Estes vão ficando cada vez menos importantes, quando verificamos o grande numero de escolas de campo e de campos de concentração de jovens nos meses de verão. O material será tambem cada vez menos estandardizado quando a *escola ativa* triunfar. De fato, a verdadeira escola ativa não requer carteiras e cadeiras de espaldar, com o rigor dos nossos educadores higienistas, inimigos das fantasticas escolioses.

O que, porém, é fundamental é a *consciencia professional* cultivada nos Estados Unidos com interesse crescente, na educação dos futuros professores. E essa consciencia só se faz com o estudo da ciencia da conduta da creança, ou seja a psicologia, ao lado da filosofia e da historia da educação que dá as bases de planos á luz dos erros e exitos do passado.

Para conseguir semelhante resultado, precisamos

que nossas escolas normais só recebam alunos que concluíram o quinto ano de ensino ginasial, sendo assim capazes de ler e compreender os livros de ciência.

Continuando como simples escolas secundárias as escolas normais serão inúteis senão nocivas, porque *dão á profissão conceito inferior na sociedade*, o qual não corresponde ao glorioso martiriologio do professorado tão injustamente tratado por nossa gente de pseudo talento.

Outra condição de exito das escolas normais será a proibição de membros do corpo docente exercerem outra qualquer profissão. Só o professor pode ser professor. De outro modo, o ensino ficará sendo uma função secundaria. O medico, o advogado, o architecto, olham sempre com certo desprezo para os professores. Para dar a estes o seu logar na sociedade moderna, precisamos que essa pretensa superioridade de outros profissionais não venha enfraquecer o espirito de classe dos jovens mestres da infancia.

Não quer isso dizer que o doutor em medicina, o bacharel em direito, o engenheiro, estejam incompatíveis com o ensino. E' absolutamente indispensavel, de certo, que apóz concurso e provimento, não exerçam eles outra atividade que a do ensino. Só assim teremos escolas normais.

Essas condições levarão o ensino normal mais proximo da possibilidade de se formar uma ciencia da educação. Até agora, o ensino tem sido empirico. Já alguns países tem creado instituições de pesquisa psicologica orientados de novas diretrizes no ensino e na educação. A nós, deve caber, pelo menos, utili-

zar o resultado dos povos adiantados no aproveitamento das energias mentais dos nossos jovens.

Seria o caso de perguntar com Decroly e Buyse na sua «Pedagogia Universitaria Americana»: «O trabalho que é necessario produzir para educar os meninos, será menos importante que o que foi preciso para descobrir os explosivos, o aço dos canhões ou remedio contra a raiva? Ou será que os explosivos mortiferos e os canhões, como o remedio contra a raiva, venham um dia tornar-se superfluos, enquanto que a educação, que deve auxiliar poderosamente a supressão desses flagelos, será sempre indispensavel. Temos, pois, boas razões de imitar os americanos: idealistas e praticos, ao mesmo tempo, eles reúnem precisamente os dois elementos do successo: «um fim elevado mas accessivel e o emprego sistematico dos meios de atingi-lo.»

CONCLUSÕES SOBRE ENSINO NORMAL--No caso particular da Bahia, é urgente a reorganização da Escola Normal da Capital que pode ser transformada num ginasio, e a criação de novo instituto de feição profissional e scientifica.

A actual Escola Normal se tornaria preparatoria ou teria outra feição de ensino secundario, como o governo viesse a forma-lo, seguindo as sugestões que este relatorio oferece noutra parte.

Com a idade minima de 17 anos, os candidatos seriam já graduados do curso secundario.

O curso da escola seria de tres anos, o que significa vinte anos para termina-lo, o que é exigencia muito razoavel.

No curso normal, não entrariam as materias dos cursos primario e secundario, senão para applicação

de método e prática do ensino e especialização para ensino nas escolas primarias superiores e escolas secundarias.

## A' MARGEM DA EDUCAÇÃO

*Conferencia (\*) feita na Associação Bahiana de  
Educação, em Setembro de 1931, pelo  
PROF. DR. JOSÉ RODRIGUES DA COSTA DORIA*

« Vivere, vivere!... Da ogni lato  
questo grido impellente ci assale;  
intorno a noi e meglio, dentro di noi  
tutto vuol vivere, cioè godere, so-  
ffrire, amare, morire.

.....  
Cadono a vicenda i legionari  
intorno, ed altri accorrono a sostituirli; la grande Patria permanece lontana e presente, la vida iniversa per laquale sorgiamo e decliniamo, trascurabili strumenti insieme. »

*W. Mackenzie.*

A **ancia** de viver domina a natureza animada; esse **desejo** constante e imperioso é estimulado insensível e inconscientemente pela exigencia da natureza em perpetuar as especies. Até no reino vegetal a planta fanada e mal desenvolvida apressa-se em se reproduzir com tanto que não mais desapareça a vida da superficie da terra, e quiçá do Universo. Não será isso privilegio do nosso amado planeta pequena esphera, no meio dessa multidão sem conta e infinita, de corpos de dimensões colossaes e immensu-

---

(\*) Respeitada a ortografia do autor.



raveis. Onde a vida fôr possível certamente ella apparecerá, senão nesses fôcos brillhantes—verdadeiras fogueiras a illuminar o espaço sem limites, pelo menos nos astros ou planetas apagados.

E para essa perpetuação das especies inlundi a natureza no organismo vivo dois grandes instinctos—o da conservação, dominante na primeira phase da vida, quando tudo se afigura de alimento ao animal; e mais tarde o instincto da reprodução, a que fica subordinado o instincto primeiro despertado.

E tão verdadeiro é este facto, isto é, a predominancia do instincto da reprodução sobre o da conservação, que em muitos casos a sua satisfação importa na extincção do individuo. Em muitos insectos á deposição dos óvos segue-se a morte do pequeno ser; as aranhas femeas, depois de fecundadas, devoram os machos, já tornados inúteis; entre as abelhas, o macho que n'um esforço infatigavel de azas attinge a nova rainha no vôo nupcial tem após o arplexo fecundante, altruista, desinteressado e irresistivel a sua existencia terminada pela extracção dos seus órgãos. Claro fica que antes da fecundação esses seres se alimentáram, se nutriram para attingir o desenvolvimento completo, com o objectivo da reprodução que marca a sua finalidade.

Mesmo nos animaes superiores a reprodução representa e exige um sacrificio grande, especialmente para a femea, sacrificio de bem estar, sacrificio mesmo de duração, e que as exigencias naturaes fazem esquecer. Sabemos bem que a reprodução no genero humano torna a mãe vulneravel a varias molestias, a que de outro modo escaparia.

O animal se nutre para viver, e vive para se re-

produzir, se perpetuar; e se especies se extinguem é que, com as perseguições, com as difficuldades de conseguir alimentos, modificadas profundamente as condições de vida, a continuação de sua existencia na terra torna-se impossivel. Grandes animaes como a baleia, o elephante, teem suas especies condemna-  
das á extincção, se medidas não fôrem tomadas em relação á crescente e incessante perseguição que soffrem.

Um terceiro instincto poderoso adquiriu o homem, qual é o instincto social. Despido de certas vantagens, que garantem outras especies animaes, como o volume e a força do elephante e do hippopotamo; não possuindo a agilidade, o vigor e a ferocidade do lobo, do jaguar; não podendo viver inaccessible como certos animaes em alturas elevadas, ou em antros intransponiveis; o homem só conta com o maior desenvolvimento de sua intelligencia para lhe ensinar a fechar a entrada das cavernas em que habitou, quando ainda selvagem, ou se cercar de meios outros de defesa, que a vida isolada tornava precaria. Assim teve necessidade de se associar aos seus semelhantes, de organizar resguardos a sua existencia, e nenhuns mais poderosos do que aquelles que lhes podem fornecer os nucleos de população, a vantagem de viver em sociedades organisadas, que o tornam poderoso, permittindo-lhe utilizar com muito mais eficiencia a sua intelligencia superior, adquirir dominio sobre as forças da natureza inorganica, fabricar instrumentos de defesa e de aggressão, e se garantir melhor contra os ataques dos animaes que lhe são perniciosos. Nada disso conseguia o indi-

viduo isolado. E assim formou-se o poderoso instincto social, a que me referi.

A vida em sociedade exige, porém, de cada qual certa restricção ou limitação nos desejos, nos impulsos, nos actos, na liberdade, emfim. Essa contenção garante o bem estar e o auxilio mutuo, que vae até o sacrificio da vida, se necessario fór, na defesa da communitate. E por este processo de agregação, de trabalho em commum, de auxilio reciproco, não só a sua intelligencia se tem sempre eficazmente desenvolvido, e passou o homem do estado de barbaridade ao de civilisação. Comquanto tenha escripto Lydston que a civilisação começou quando na vida da humanidade a fraude substituiu a violencia, acceitamos a civilisação como o "producto da associação dos homens e dos effeitos intellectuaes e emocionaes que a communitate opera sobre os membros que a compoem, transformando o seu character e estendendo as suas aptidões e conhecimentos, e por isso ella modifica radicalmente a acção dos factores da evolução biologica".

Para disciplinar a natureza do homem, traçar-lhe o modo de se conduzir, regularizar a sua conducta, formar-lhe emfim o character, de modo a ser util a si mesmo, á patria e a seus semelhantes, o desenvolvimento da sociedade criou a educação, que o selvagem não conheceu. A doutrina methodica e systematicamente ordenada, que estuda o facto da educação constituiu-se em uma sciencia especial—a Pedagogia.

Com o titulo "El problema de la Educacion Primaria en la America Latina" o Sr. "Guilhermo A. Sherwell, do Mexico, apresentou ao Segundo Con-

gresso Scientifico Pan-Americano, reunido em Washington, em 1916, um trabalho que começa com as seguintes palavras: "Entre os assuntos escabrosos de la tierra, los mas difeiles son gobernar un pueblo y modelar un alma. Y, sin embargo, todo el mundo habla de politica e de pedagogia. Quizás esto haya obligado a muchos espíritos de pensar sereno y de sentir elevado a abstenerse com cierta amargura de hablar de dichas materias; pero com ellas figuran entre las idéas fundamentales de los pueblos, necessario es tratarlos, siquiera sea para poner cada cosa en su lugar, mientras llegan tiempos mejores en que solo se levanten voces autorizadas para hablar de lo más difficil y solo se presenten espíritos nobles para tratar de lo más sagrado".

As grandes descobertas tem sido um grande incentivo para melhorar e incrementar a instrução e a educação. Já antes os primeiros povoadores da America do Norte, com grande fé na divina efficacia da educação, interessavam-se por ella com o mesmo cuidado que o faziam de sua religião, receiosos de que o saber fosse sepultado nas catacumbas de seus paes. Lutero proclamava que o primeiro dever do cidadão era educar seus filhos. Knox, na Escocia, e Mulcaster, na Inglaterra, foram pioneiros da educação. Neste ultimo paiz a descoberta da machina a vapor, tornando o mundo mais largo para o individuo, e mais estreito para a raça, deu um grande impulso á instrução. Foi seguramente o seculo XIX o seculo da Educação, pois foi então que os governos reconheceram a necessidade de instruir e educar os seus cidadãos.

A FAMILIA—Ao nascer encontra-se o individuo

civilisado no seio de uma organização especial, que é a família,—consequencia ou instituição oriunda já do adiantamento e do progresso, e que o vigia e ampara. Sabemos todos como o menino ao nascer, e mesmo algum tempo depois, se mostra falho de todo vislumbre de intelligencia, e mesmo de instinctos, que pouco a pouco se vão manifestando. Essa organização, que a principio, segundo varios investigadores, foi dominada pela mulher—o *matrarcado*, e mais tarde pelo homem—o *patriarcado*, gozou de funções não só economicas, como politicas, despojadas destas ultimas pela organização do Estado, ficando a familia com as funções ou a acção peculiar da criação e da educação da prole, partilhando todavia o Estado, depois de certo tempo, e em grande parte, no preparo do cidadão, ou na educação social. E', pois na familia que começa o grandioso trabalho da educação, e esse trabalho compete principalmente á veneravel figura da mãe de familia. Já Napoleão dizia que o character do cidadão era moldado nos joelhos de sua genitora. E é pela disciplina, pelo amor, e pelo exemplo que começa essa educação, numa phase em que o cerebro, molle como a cera, no dizer do velho Horacio, e inclinado ao vicio,—*cereus in vitium flecti*—, melhor se deixa impressionar pelas ideias que lhe são inculcadas, pelos exemplos que lhe são apresentados, pela repressão que lhe é imposta, e pelos castigos que lhe são infligidos, e que se tornam mais efficazes pela fraqueza e timidez propria; dessa idade (1).—A dis-

(1) Imberbus juvenis, tandem custo te remoto,  
Gaudet equis, canibusque, et aprici gramine campi;  
Cereus in vitium flecti, non itorbus asper

ciplina regula a conducta, e o exemplo, pela repetição continuada, fôrma no espirito da criança vinco e sulco profundo que se transformam em habito. Bem certa é a sentença de que o habito é uma segunda natureza. "O habito", diz Cesca, "não é mais do que a memoria emotiva e volitiva, fixada no organismo psychico por meio da repetição continua e forte das impressões: é automatico, quasi inconsciente, e torna-se uma segunda natureza, que impelle fortemente a agir e a sentir de um modo determinado, dando por isso segurança e poder ás acções, as quaes tira da duvida e das incertezas da deliberação, eximindo-as dos esforços continuos da attenção e da vontade."

A educação da familia é no sentido de fazer a criança á imagem e semelhança de seus progenitores, mantendo o pequeno cidadão no circulo estreito das ideias e sentimentos do passado; mister se faz que sua educação seja terminada fóra desse ambito estreito, e completada pela sociedade, da qual vae fazer parte, e incumbe á escola, ao professor, tomar a tarefa começada para entregar á communitade um cidadão, respeitoso aos direitos alheios, obediente ás

Utilium tardus provisor, prodigus aeris

Sublimis, cupidusque, et amata relinquere permix.

(Arte poetica).

O mancebo inberbe, que se vê por fim livre da sujeição de seu aio, solga de ter cavallos e cães, e de correr e exercitar-se no campo Marcio; toma, qual branda cere, a impressão de qualquer vicio; não soffre os conselhos dos que o advertem; tarde cuida em seus interesses e utilidades; é prodigo, estragador de dinheiro, soberbo, e cheio de appetites por tudo o que vê, e bem depressa se desprende do que mais deseja.

leis, despido de sentimentos egoistas, cumpridor dos preceitos e advertencias da moral, util a si e aos seus concidadãos. E' então que a instrucção constitue o mais bello e util caminho para esse desideratum e torna um poderoso elemento de educação. A instrucção sem educação equivale a uma machina sem regulador, a uma locomotiva sem freio, sujeita a desparar sem contenção; corre demais, e nos declives da vida é ás vezes mais uma flagello do que um beneficio. Nas machinações do crime mais perigoso e o homem instruido, com mais recursos para descobrir meios nefastos para a pratica do mal, e encontrar recursos para escapar as investigações da justiça punitiva.

A guerra mundial perturbou todas as relações da vida, e por toda a parte. Parece que durante aquelle tempo angustioso afrouxaram-se os laços do respeito e da obediencia, de modo que tiveram expansão os instinctos egoistas e animalescos nos mocços, nos jovens, que heróes na guerra, intenderam de dominar o mundo sem reflexão, sem prudencia, sem senso commum. O funcionalismo publico Francez, que era um modelo no mundo, disciplinado pelo pulso forte e energico de Napoleão Bonaparte, escreveu Poincaré para o «O Jornal» do Rio, estava inteiramente anarchisado. A criminalidade juvenil augmentou em todos os paizes e uma repressão energica se faz mister para recollocar as coizas em seu verdadeiro pé, ou pelo menos em um grau de ordem ou de exercicio normal, necessario e util. A ordem se

concilia perfeitamente com o progresso, a liberdade com a autoridade, e o respeito com a egualdade.

Já tive em situação identica no meu Estado de me referir á frouxidão que se nota na educação geral da mocidade, entregue a seus caprichos, a seus impulsos, num systema erroneo em que a grosseria é confundida com a independencia de character, a malcriação com a autonomia, e a falta de respeito e desatenção com a bõa norma de proceder.

Não sei, Senhores, se aqui está fallando despeitado, talvez inconscientemente, o espirito do velho, daquelle que Horacio, ordinariamente cognominado de velho chamou *laudator temporis acti*. Louvador dos tempos passados. Sem a acrimonia com que a velhice costuma encarar as coisas modernas, reconheço, no entretanto, o egoismo do velho, a sua impertinencia, as suas acerbas saudades da mocidade, e o desespero pela aproximação da longa viagem para paragens desconhecidas, de onde jamais, na phrase de Shakspeare, ninguém voltou, e acerca do qual ainda disse o tragico Inglez, caracterizando-o:

Is second childishness and mere oblivion,  
Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans  
every thing (2)

e que vive meio conspirado contra aquelles que gozam, descurados desses dons, que pensam nunca se acabarão.

Não quero em absoluto conseguir tudo da educação; não desconheço o effeito da organização phy-

(2) É a segunda puericia méro esquecimento, sem dentes, sem vista, sem paladar, sem coiza alguma.



sica sobre a índole e as tendências do individuo, que a educação nem sempre poderá transformar. Foi essa influencia do physico sobre o moral, da organização sobre o espirito, que levou Lombroso a formular a sua doutrina do criminoso nato, do individuo influenciado pelo organismo; e que, dadas as mesmas circunstancias, praticara o mesmo crime, representando no meio civilizado a reprodução do selvagem, ou do degenerado psychico.

Permittam-me aqui referir uma anedocta que ouvi na minha já bem longiqua mocidade, e que, verdade ou invenção, bem se applica ao caso: Um philosopho e um frade disputavam sobre o effeito da educação, a que o frade ligava absoluto effeito, contra a opinião do philosopho. Combinaram-se para prepararem uma prova pratica, que seria apresentada em tempo opportuno. O trabalho do philosopho foi descobrir qual seria a prova do frade, que educou um gato a estar em posição forçada, sem se mover, sobre a mesa, durante a refeição do religioso. Marcado o dia da prova o philosopho levou para sua prova uma caixinha. O religioso fez o gato tomar posição para começar sua prova. Em meio da refeição, quando já causava admiração a posição firme do gato, o philosopho abre a caixinha; de dentro pula um ratinho, e atraz do pequeno roedor pula tambem o gato, abandonando a posição que tanto custou ao seu amo obter.

Como quer que seja não era da índole e natureza do animal, a situação em que elle ficava, por tempos, sob as ordens do patrão, até que um estímulo mais forte l'ello voltava a sua primitiva e natural feição. Fica, porem, provado que ao lado do exem-

plo, o maior estímulo para as naturezas rebeldes, a intimidação, é também um grande inibidor, uma valiosa contenção para os actos maus. Quantos cidadãos não comettem actos condemnaveis, pelo receio da prisão, ou mesmo da condemnação publica, ou dos males que elle possa soffrer pelo desprezo geral?

A intimidação e o castigo são, de facto, de grande effeito na determinação das acções humanas.

HEREDITARIEDADE — Não desconheço tão pouco o effeito da hereditariedade na indole do individuo: tudo se herda — a physionomia, a conformação do corpo, o timbre da voz, e também a intelligencia, o temperamento, a indole, e o character. Já o mesmo velho Horacio citado, disse em uma de suas Odes:

Fortes creantur fortibus, et bonis

Est in juvenis, est in equis patrum

Virtus, nec imbellem feroces

Progenerant aquilae columbam (3).

Os degenerados, unindo-se pelo casamento, teem formado grandes familias, todas taradas pelo mau character, pela conducta irregular e perniciosa. Como exemplo podemos citar os Jukes, na America, os quaes no curso de cinco gerações, por casamentos constantes com elementos igualmente degenerados, produziram 709 descendentes que eram inaptos para viver na sociedade, para a qual constituiam um perigo e uma carga constante.

Uma familia mais extensa, estudada na Allema-

---

(3) Os fortes são gerados pelos fortes, e nos novilhos e nos poldros encontram-se as qualidades dos paes. Aguias ferozes não produzem pombas imbelles.

na, refere Havelock Ellis, consistiu em 834 pessoas conhecidas, todos descendentes de uma vagabunda bebedeira. A grande maioria desses descendentes foi de prostitutas, vagabundos, pobres e criminosos (alguns assassinos), e o custo directo para conservar e cuidar essa gente foi de um milhão de libras ao Estado da Prussia.

Uma outra familia, os «Leros». Ha tres seculos era uma respeitavel familia, vivendo em um valle da Suissa. Pelos casamentos em uma familia de insanos, perturbou-se de modo que 310 membros dessa familia foram vagabundos, fracos de espirito, perturbados mentalmente, criminosos, pobres, immoraes.

E' bem de vêr o valor das familias e a importancia do mestre na educação. Se considerarmos o exemplo como o mais vigoroso elemento, influindo para modificar a conducta do educando, da criança, que se pôde esperar dos filhos criados em um lar rixoso, em que os paes vivem em brigas constantes, em que o chefe da familia, embriagado, ou por malandrice, espanca a mulher, castiga os filhos sem causa?

A rua é um mau lugar para uma boa educação: é lá que se encontram as más companhias, que vão a pouco e pouco estragando o menino, e uma vez praticado um acto mau, os outros se seguem sem a reluctancia, ás vezes, em praticar o primeiro.

O MEIO—O meio da educação é de um grande valor para modificar a natureza do homem. O effeito mais eloquente do meio sobre o individuo no seu desenvolvimento, nas suas qualidades, posso citar nos casos de meninos achados nas selvas, ou nas cavernas, em companhia de animaes, provando que a lenda de Romulo e Remo, amamentados por uma lôba, não

terá sido um mytho, e que ainda hoje obtem a veneração dos Romanos, mantendo sempre em uma jaula, na subida do monte Palatino, uma loba viva.

No livro de E. P. Culverwell — *The Montessori Principles and Practice*, no Capitulo — «A influencia do meio» lê-se:

Desde 1544 são recordados dez casos de meninos selvagens encontrados na Europa. Dos encontrados nas Indias, criados por lobos, nenhum aprendeu a fallar ou a tomar interesse humano na vida. O professor Valentin Ball, F. R. S., no livro *Jungle Life in India* refere dois casos, um capturado por elle em 1872 e levado para o Sicandra C. M. S. Missionary Orphanage, perto de Agra, onde já existia outro. O primeiro falleceu quatro mezes depois; o segundo Sanichar, capturado em uma caverna com um lobo, em Balundshaber em 1867. Por muito tempo não amansou, e persistia em comer como os animaes carnivoros, rasgava em tiras as roupas, e custou a andar erecto. Produzia sons com que exprimia sua collera e alegrias, mas nunca uma palavra. Sentava-se no chão como um macaco. Continuamente em movimento voltava-se rapidamente de um lado para outro, com olhares espantados como se estivesse esperando um ataque inimigo invisivel.

Eles se uniam; o mais velho ensinou o mais moço a beber agua no copo. Este sempre se portou como um animal selvagem; nunca ficava com os outros meninos, e se escondia em algum canto escuro.

□ «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, de 8 de Abril de 1927 (4) publica o seguinte:

(4) Depois de realisada essa conferencia já «A Tarde» publicou um caso novo de menino achado em companhia de lobo.

*Allahabad*, 7—Pastores que habitam nos campos proximos a Miawana, a 75 milhas d'aqui, encontraram um rapazinho Indiano de approximadamente dez annos, habitando em uma caverna de lobos. Pelos vestigios encontrados na caverna ficou perfeitamente evidenciado que o menino vinha residindo alli. O inditoso menor não sabe proferir uma palavra e não sabe caminhar propriamente — anda sempre de gatinhas. Sua alimentação é de hervas.

O rapaz, não sem procurar resistir, foi trazido para aqui, sendo alimentado e medicado.

A' noite do primeiro dia elle soltou ganidos, mordeu-se todo, e chegou a morder as pessôas que delle se approximaram, sendo necessario amarral-o.

O pequeno está desfigurado, mas os seus membros são bem formados.

De um lado do rosto elle tem uma terrivel cicatriz, como se houvesse sido mordido por um qualquer animal.

Estão sendo dados os necessarios passos para o seu tratamento em um hospital de doenças mentaes.»

O EDUCADOR — O educador deve conhecer as phases e as leis da evolução physica e psychologica do educando; deve saber que á sensibilidade moral e caprichosa da criança segue-se uma phase na qual a impulsividade se torna mais ardente, e é caracterizada pela vivacidade das emoções.

A evolução da juventude faz-se sob o imperio de tres leis: a adaptação, o habito, e a variação.

A adaptação, que póde ser externa ou interna, diz respeito ás acções sociaes, no primeiro caso, como os costumes, as leis, os usos, e no segundo ás

acções psychologicas pelas quaes o individuo tende a adquirir a coordenação de suas funcções.

A lei do habito estabelece solidariedade entre os actos successivos, tornando-os ligados entre si, e formando uma serie de concatenações, que persistem e fazem sentir indefinidamente sua influencia durante toda a vida.

A lei da variação impelle imperiosamente o menino a exercitar novas fórmulas de actividade e a conseguir novas acquisições espirituas.

E' necessario que estas leis se desenvolvam harmonicamente. O educador deve evitar deficiencias e desequilibrios damnosos, conseguindo o desenvolvimento da consciencia. Para tal fim, diz Viscorti, é preciso o conhecimento claro dos principios moraes, a capacidade de sentir amor pelas coisas bellas e justas, e a vontade constante de agir em conformidade com estes principios. E' necessario, em summa, a cultura das tres funcções fundamentaes do espirito (intelligencia, vontade e affectos), porque não se é homem no pleno significado do termo, se as forças intellectuaes, a vontade, e o coração não caminham *pari passu*.

A INTELLIGENCIA—A educação intellectual, alem do saber precisa attender ao desenvolvimento do espirito, e especialmente da razão, que é a faculdade que nos confere a dignidade de homem.

O trabalho ou o mister da educação é chamar o jovem á realidade e dar ao espirito o habito de pensar exacto, reconhecendo e regeitando as contradicções. O menino, diz bem Compayré, não reflecte e não sabe gastar ou empregar o seu tempo: não tem o poder de inibição que permite ao homem re-

flectivo suspender e amadurecer o seu juizo: elle accêita sem mais exame a primeira conclusão que se lhe apresenta, passivamente, inconscientemente. Ha muito coisa excellente de se saber, e outras que são indispensaveis de se conhecer. A escola é para a vida, e não a vida para a escola.

São de Locke as seguintes palavras:

«Encorajae em todas as coisas a curiosidade do menino; illuminae o seu juizo todas as vezes que forem possiveis. Quando a explicação que elle imagina é justa, deixal-o gozar o louvor; mas quando é erroneo, conduzi-o docemente ao caminho directo. Se demonstra disposições para raciocinar sobre as coisas, empregae vossos esforços para que nada o contrarie nessa tendencia, e muito menos o engane com respostas falsas. O raciocinio é a mais alta e importante faculdade do espirito, e portanto deve ser cultivada com esmero.»

Cultivar a attenção do menino é, como diz Guyau, cultivar o centro do movimento intellectual; mas deve o educador aproveitar a curiosidade do menino, estimulando o desejo de aprender.

Uma sã educação, escreve Visconti, deve tambem despertar no menino a clara e justa percepção da vida. A escola deve concorrer á formação do bom senso, deve formar homens que especialmente em materia de conducta saibam distinguir o essencial do accessorio, escolher entre os diversos partidos possiveis aquelle que dará a maior somma de bem, e prever as consequencias dos proprios actos.

Não é uma extravagante doutrina ou romance o aforismo—*a virtude se ensina*, e por isso é preciso que a educação seja regulada por criterios especiaes

práticos, derivados de uma concepção positiva da natureza do educando.

«E' uma vergonha», exclama Pestalozzi, «deixar crescer a erva daninha até ficar bem viçosa, e depois incumbir a justiça pública de grunhir «*tra la perduta gente*», como porca selvagem entre o trigo, e se crê assim haver executado a mais sabia obra de legislação civil.»

Deve o mestre, são palavras de Giovanni Marchesini, ser o factor predominante na formação do character, ensinando ao discipulo o cumprimento dos proprios deveres, sem se inquietar com os rumores e motejos daquelles que, não podendo realizar uma carreira digna, altiva e virtuosa, mofam dos bons e os querem arrastar para o mau caminho, enxergando na diffusão do mal a justificação de suas faltas, de seus defeitos e deslizes, como a rapoza da fabula, que, havendo perdido a cauda, aconselhava ás companheiras cortarem todas as respectivas caudas — «porque desse modo havia mais desembaraço no correr e se fazia melhor figura.» Ao envez desse conselho yelhaco e arruinador, preciso é compenetrar-se o homem do conselho de Virgilio a Dante, nas paginas sublimes da Divina Comedia:

«Vien dietro a me, e lascia dir le genti:

Sta come toria fermo che non crolla

Giammai la cina por soffiare dei venti.»

O CORPO — Ao lado da educação intellectual e preciso não descurar a educação affectiva, indispensavel á vida, pois uma educação puramente intellectual, pode conduzir á vulgaridade e á baixesa de animo.



Mas não é só do espirito que é preciso cuidar; se nem sempre a intelligencia deixa de ser poderosa nos corpos franzinos e mesmo doentios,

Che non può un'alma ardita

Se in forti membra ha vita?

O ideal é a mente sã em corpo sã, e por isso é preciso não descurar da Hygiene, na educação, na escola, desde a construcção do edificio até os processos do ensino, e a prevenção das molestias que frequentemente alli se propagam.

Para uma educação regular e um ensino proficuo, já tive oportunidade de dizer, faz-se mister o conhecimento indispensavel do material que vae manipular o mestre, isto é, o conhecimento da criança, do seu desenvolvimento physico e psychico, para que a obra possa ser perfeita, como nas industrias ha necessidade de distinguir e separar os materiaes pelas suas qualidades, afim de poder o industrial, por tratamentos diversos, segundo cada sorte, conseguir um producto regular e seguro. Se o material é de primeira qualidade ter-se-á obra prima; mas é preciso de material inferior obter productos medianos, e isso só se póde conseguir pelo conhecimento exacto desse material. D'esse modo se faz necessario o estudo da *pedagogia*, ou sciencia do menino, comprehendendo o complexo dos conhecimentos positivos em torno da criança e do seu desenvolvimento.

EDUCAÇÃO DAS RAPARIGAS — Tem se discutido muito sobre os beneficios e os inconvenientes da co-educação, usada commumente na America. Na infancia, no estado da confusão, pode-se dizer, ou da neutralidade dos sexos, convém a educação em commum.

Na idade da puberdade, quando novas ideias se apresentam ao espirito, n'um clima ardente, como o nosso, de precocidade em todos os terrenos, tenho duvidas acerca dos beneficios da coeducação, mórmente entendendo-se á educação frouxa, descurada, soia que é o característico da educação entre nós. Todavia não me pejo de confessar que não tenho a experiencia, nem juizo formado sobre o assumpto, mas não se póde deixar de ter em consideração o clima, a raça, os costumes.

A humanidade é constituída de homens e mulheres — typos differentes, embora da mesma especie, sendo um complementar do outro. Essa differença dos sexos se accentúa em toda a animalidade, póde-se dizer. Afóra os caracteres primarios dos sexos, isto é, das glandulas sexuaes e seus accessorios, de funcções diversas, destinados a se combinarem, a se completarem na formação do novo ser, os caracteres secundarios são tambem muito differentes, como tudo foi tão bem estudado por Blair Bell, no seu *The sex complex*, havendo modificado a proposição de van Helmont *Propter solum uterum mulier est quod est* para esta outra *Propter secretiones internas totas mulier est quod est*. A mulher é o que é por causa de todas as secreções internas. A proposição de van Helmont já havia sido modificada por Chêreáú do modo seguinte: *Propter ovarium solum mulier est quod est*; e Virchow, de accordo com Biedl accrescentou: «Todas as particularidades de seu corpo e espirito... cada coiza que de facto admiramos na verdadeira mulher e reverenciamos como feminino, é dependente do ovario.»

E, pois, não seria possível que as differenças or-

ganicas tão profundas deixassem de corresponder diferenças physiologicas correspondentes. E' certo que na primeira phase da vida, na infancia, a não serem os caracteres sexuaes primarios, em estado de dormencia, em estado virtual ou potencial, poderemos dizer, esperando a época do desenvolvimento e da funcção especifica, no resto do organismo, nessa primeira phase, a menina se confunde com o menino. Na puberdade as diferenças se manifestam e se accentuam, afastando-se muito mais accentuadamente o homem do typo infantil, e isto certamente fez dizer a Spencer que a mulher é um homem mal desenvolvido, (undevelopped man).

Mesmo a pathologia da mulher é differente da do homem.

A educação do rapaz e da rapariga tem sido distincta uma da outra diz Hughes, não só entre as comunidades primitivas, como entre os povos civilizados de hoje. A diferença é que o rapaz é educado para a vida activa da communidade, e a rapariga é educada para os da casa e da maternidade. O Dr. Chamberlain, descrevendo a educação de um rapaz e de uma rapariga entre os Indios Decota, refere a separação e a diferença que entre elles existe, sendo o rapaz amestrado, sob os cuidados do pae ou do avô, nos trabalhos mais activos, na caça, na pesca, no tiro, nas proezas armadas, na guerra, quando attinge a idade de 15 a 16 annos, e nos esportes das corridas a pé, a cavallo, etc. As meninas brincam com bonecas, aprender a cuidar das crianças, a vigiar a casa, a prover a casa de agua e lenha, a fazer as roupas, etc.

Esta distincção que se encontra entre as commu-

nidades primitivas, na educação dos rapazes e raparigas, também se vê em países altamente civilizados, sendo os rapazes destinados á vida activa da communitade, e as raparigas para os deveres do lar e da maternidade.

Na Alemanha e principalmente na França e na Inglaterra, a opinião publica é inclinada á crença de que é dever do Estado educar as raparigas para os misteres do lar e para companheira do homem.

Na America do Norte, differentemente se pensa que a mulher tem direito á feminilidade; que é igual, e não tem subordinação ao homem, com direito social e legal ao pleno desenvolvimento em seu proprio caminho.

Não é nosso intento aqui dissertar sobre o palpitante problema que se agita actualmente—o feminismo; mas é que o modo de encarar a questão influe e modifica o modo de desenvolver a educação dos dois sexos.

---

Difícil problema! O estudo anatomico, physiologico, pathologico, nos mostra que na natureza o destino da mulher é differente do do homem. Na procreação na perpetuação da especie, ambos concorrem, mas que insignificante papel incumbe ao homem, comparado com o penoso e longo que cabe á mulher! A civilização tem mudado a face das coisas.

Não ha egualdade no numero de homens e mulheres; o casamento monogamico deixa sem collocção matrimonial um grande numero de mulheres, assim como as exigencias sociaes, o custo da vida, etc.

D'ahi um grupo grande de mulheres que tem de procurar a vida fóra do casamento, e as necessidades de uma educação e instrucção mais completa e esmerada para que possa prover decente e moralmente os meios de sua subsistencia.

A mulher não é inferior, nem superior ao homem, mas são diferentes, justamente para se completarem. Se o homem tem algumas vantagens sobre a mulher, como maior vigor, maior actividade, digamos, mesmo, maior intelligencia; tem por seu lado a mulher maior affectividade e a maternidade, que representa o mais nobre dos sacerdocios, incluindo a educação da prole. A mulher precisa, pois, ser educada e instruída para ser uma mãe de familia completa. O que nos chama aqui a attenção é saber se a educação e a instrucção da mulher deve ser a mesma do homem, ou se deve ser em sentido differente, e se convem que a educação seja em conjuncto, ou feita separadamente.

A natureza emocional das raparigas, suas funcções physiologicas peculiares, sua maior susceptibilidade á fadiga, sua periodicidade de estorço—tudo, escreve Hughes, deve ser considerado e provido para que seja organizado um curso de educação para ellas.

A maioria dos educadores Allemães, como dos Inglezes, advogam sem duvida a mais alta educação das mulheres, mas os primeiros accentuam a necessidade de differenciar as necessidades e habilidades dos sexos. «Os rapazes», escreve o Dr. Waetzeldt, «para serem homens, e as raparigas para serem mulheres, e por isso devem ser educados differentemente, e este principio evidente parece ser desattendido na America. Mas já a natureza começa a se vin-

gar. A mulher Americana está pouco a pouco degenerando em consequencia de sua emancipação. Ao passo que abandona os misteres de sua casa para entrar no grande mercado da vida, torna-se menos apta e disposta a cumprir os deveres naturaes.

«Esta é a opinião de medicos distinctos e de sacerdotes. A questãe da mulher assumirá em futuro não muito distante um novo aspecto na republica da America do Norte. Terá de desprezar a differença physica e mental no sexo, que a natureza e a civilisação tem criado, e para a continuação do Estado, que não poderá ser supprido em todos os tempos por vastas levas de emigrantes, a educação Americana das mulheres terá de obedecer de novo aos ditames da natureza.» Todavia, diz Hughes, não é uma differença de *curriculum* tanto quanto uma differença de tratamento que se faz preciso, um tratamento que corresponda aos característicos physiologicos do organismo da mulher.

O ex-imperado da Allemanha achava que a vocação da mulher se confinava ás crianças, á cosinha e á Igreja.

Parece que a educação não regenera uma raça, e como diz Hughes, não se ira um bom cidadão de vadios das ruas, e a salvação social depende muito melhor do lar, da alimentação, dos vestimentos do que do melhor systema de educação. A escola é conservadora e não uma força reformadora; nella asseguramos o que possimos. É no lar que se produzem as variações momentosas no character. As mães altamente educadas, continúa Hughes, salvaram a nossa civilisação e deram-lhe um novo turno, e somente as mães altamente educadas nos salvarão da corrupção

moral de nossa época. A história da civilização de nossa raça, escreve Zmigrodski, é, por assim dizer, a história da influência materna.

Para a mais alta educação das raparigas ha tres planos.

1.º Escolas separadas e distintas para raparigas.

E' a regra na Alemanha, na França e na Inglaterra.

2.º Em annexos ás escolas dos rapazes, como uma especie de subdepartamento sob a direcção de um professor.

3.º Escolas mixtas—raparigas ao lado dos rapazes. Professores ou professoras.

Das conclusões a que chegou Hughes dos seus estudos sobre educação e instrucção, comparando os diversos systemas e processos usados principalmente nos grandes paizes, como a Alemanha, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, transcrevemos as seguintes palavras juridicas: « Cada systema de educação só pode ser comprehendido quando visto na sua propria séde.

Cada qual é a expressão do genio de sua nação; é característico de seu povo. O *Habitat* de cada systema é fixo, e um producto indigena; consequentemente não só não é scientifico, mas é impossivel medir comprehensivamente qualquer systema de educação nacional em termos de outro: cada paiz tem, por fim de contas, aquelle systema de treinamento adaptado a suas necessidades presentes, e mais capaz de se desenvolver de modo a ir ao encontro das necessidades nacionaes.

Nós, penso eu, não temos um systema Brasileiro de instrucção e educação; imitamos, é verdade, os

paizes adiantados, nem sempre com firmeza e constancia; a mutabilidade é o nosso caracteristico.

A tendencia da educação moderna é a promiscuidade.

Na puberdade, quando novas idéas e pensamentos se formam no espirito, quer da mulher, quer do homem, quando emoções novas, aspirações indefinidas, nas influenciadas pelas novas funcções, n'um clima de precocidades de toda a sorte, penso que melhor resultado dará a educação separada dos sexos.

Resta ainda dizer algumas palavras, que só poderãc ser poucas, em favor do mestre, para que delle se possa exigir trabalho assiduo o proficuo.

O mestre precisa de segurança de vida, de independencia moral e material.

Na Historia da Pedagogia de Compayré lê-se: Cada cidade está sujeita annualmente a grandes despezas com a construcção de estradas, com a construcção de fortificações, compra de armas e equipamento de soldados. Porque não se gastam eguaes sommas para a manulênção de um ou dois mestre-escolas? A prosperidade de uma Cidade não depende sómente de suas riquezas naturaes, da solidez de suas paredes, da elegancia de suas casas, da abundancia de braços em seus arsenaes, mas a segurança e a força de uma cidade reside acima de tudo de uma bõa educação, que a supra de cidadãos instruidos, razoaveis, honrados, e bem disciplinados.»

Depois de examinar alguns males que embaraçam a instrucção publica em sua patria, escreve o Sr. Guilherme Sherweel: «Dos defectos mas hay que agregar a este entre los notables. Es el primero el



que condensaríamos en la palabra *política*, y el ser-  
guedo el que cristalizaríamos en la palabra *amistad*.

Noble es la política alta, constructora: la que vé  
a los lejos y trabaja para un porvenir mejor; la que  
hace abstracción de unos cuantos individuos o de un  
partido para atender a los intereses de toda la co-  
munidad; pero es poco estimable la que consiste en  
luchar por el triunfo de una pocas personas y por  
la división de los empleos públicos entre partidarios  
más o menos ineptos, que convierten dichos empleos  
en sinecuras y dejar que la nación rueda a un abismo.  
Lo Gobierno se cree con derecho a utilizar a los ma-  
estros en servicio del poder, y muchos de estos se  
muestran ansiosos por manifestar adreces ones produ-  
ctoras de ascensos, que no pueden adquirir por apti-  
tudes técnicas, de las cuales carecen o que no son  
estimadas debidamente. La amistad con los que man-  
dan es también una grande productora de empleos y  
de promociones, y no es necesario expresar los re-  
sultados fatales de este sistema.

Non veo mejor solución para estos males que  
una legislación aplicada honradamente, por la qual  
se creen organismos que se moderen mutuamente y  
que mutuamente se eviten la comisión de arbitrarie-  
dades en la concesión de los empleos, y por la qual  
se obligue a los maestros y a empleados a mante-  
ner-se a cierto nivel de eficacia para conservar sus  
puestos, y a demostrar ciertas excellencias para ob-  
tener los ascensos.

Di este modo ni la antigüedad sola, ni la política,  
ni la amistad en ningún caso, serán factores que  
influyan en la organización de las escuelas y la ex-  
cellencia del personal educativo.

Depois do que venho dizendo e examinando pela rama, num vôo rapido e num trabalho apressado, ao qual devo fazer ponto, fica patente a necessidade, para uma boa educação, da moralidade completa da familia na direcção dos primeiros annos do menino, e depois da moralidade, competencia, e dedicação do educador. Só com estes predicados elle poderá dizer com Victor Hugo:

« Oh! mães de corações profundos; deixae-nos os vossos filhos: dar-lhes-emos bons pensamentos, e mudaremos em alegrias as suas dôres, e Deus se tornará visivel a seus olhos: seremos as flôres, as auro-  
roras, os bosques, os campos, seremos a natureza e a fonte eterna que completamos a educação de todos os grandes espiritos.»

## SEMANA DA CRIANÇA

Conferencia realizada, a 15 de Outubro de 1931,  
na Escola Normal da Eschia, pelo professor  
DR. ALFREDO FERREIRA DE MAGALHÃES (1)

### THEMA DO DIA:

«DIA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA: Muitas molestias são evitaveis. A criança doente o é, muitas vezes, por descuido, ignorancia, pobreza.»

### EXORDIO:

Em se tratando da criança,  
Por lhe testemunhar amor,  
Desde que fui convidado,  
Eu não serei deserto.

A. F. M.

### MUITAS MOLESTIAS SÃO EVITAVEIS

De pleno accordo; approvo a these. Para tanto effectuar se faz preciso que a Hygiene occupe o lugar de honra, que lhe compete, na instrucção e na educação do povo.

Faz vinte e cinco annos, foi em 1906, presicindo um festa de férias, no «Instituto São José» (2), e já dizia:

(1) Respeitada a ortografia de autor.

(2) V. do autor: «Pro-Patria»—Discursc, na festa escolar de distribuição de premios aos alumnos do «Instituto São José», em 2 de Dezembro de 1906.

«No estado de civilização actual são conhecimentos indispensaveis, a todos, os elementos de hygiene publica e privada. Estes elementos devem ser transmittidos pela escola, interessando os collegiaes, fazendo nascer a idéa da solidariedade em face da molestia.»

O ensino elementar, por força de Lei, é obrigatorio. Cumpra-se a Lei; sejam punidos todos aquelles, paes, tutores, responsaveis que não enviarem á escola primaria as crianças em idade escolar. *Dura lex? Sed lex est.* Cumpra-se a Lei, sem excepções, considerando todos iguaes deante da mesma Lei.

Assim deverá ser, em respeito á lei maxima, que é a saúde do povo: «*Salus populi suprema lex esto.*»

Para que as gerações de amanha se formem convenientemente instruidas nos preceitos da Hygiene, e devidamente treinadas na indispensavel educação sanitaria, é necessario contarmos com o preparo do mestre-escola.

Diz Stuart Mill: «Não terão vivido inutilmente aquelles que tiverem sido, embora num tempo curto, uma fonte de felicidade e de bem moral, no circulo mais estreito.»

Em longos trinta e seis annos de exercicio effectivo nesta casa, nesta «Escola Normal» da Cidade do Salvador, da Bahia, onde inaugurei no Brasil, aos educadores primarios, o ensino da Hygiene, e tambem o da Puericultura e da Eugénia (1895—1.<sup>a</sup> parte, 1910—2.<sup>a</sup> parte), sempre tive em mira alcançar semelhante escôpo.

Ainda agora mesmo, nos ultimos programmas impressos, para o ensino da Hygiene aos discentes do terceiro anno do «curso normal», no 1.<sup>o</sup> paragra-

pho, podereis ler estas palavras: «razões da necessidade sempre crescente do seu ensino e vulgarização.»

Explicando as razões, postas em relevo costume discriminá-las em:

- I. Razões de bem estar e de felicidade pessoal.
- II. Razões de economia social.
- III. Razões de patriotismo.
- IV. Razões de solidariedade sanitaria.
- V. Razões de solicitude democratica (3).

Ac lado dos conhecimentos da Hygiene, transmitticos pela escola, para aquellas pessoas que já passaram dessa idade, ou não tiveram escolas onde lhes fossem elles ensinados, terão cabimento os cursos publicos e gratuitos, officiaes ou beneficentes, nomeadamente no ponto de vista da Hygiene infantil, da Pré-cultura, da Eugenia, da Nepiologia, questões que mais de perto nos interessam na presente semana de trabalhos em prol da criança.

---

«A CRIANÇA DOENTE O É MUITAS  
VEZES, POR DESCUIDO»

Assim affirma a these que expomos; e diz uma verdade.

Existe, entre outras, uma doença, que por vezes victimiza as crianças por acção materna directa. Não vem descripta nos compendios de pediatria, porém

---

(3) Interrompendo-se, o conferencista explica e exemplifica, em cada caso, as razões indicadas.

é muito encontradiça tambem em nosso meio. Ella é motivada pela indolencia, indocilidade aos conselhos dos technicos, ou mesmo falta de intelligencia das mãis, de onde resulta a falta de cuidados convenientes, em tempo e em hora necessarios, descuidados portanto.

Acceitemos para ella um nome geral, chamemol-a *acuria* (4), que significa com exactidão etymologica o que se deseja exprimir.

*Acuria* acommette, por exemplo, o lactente ao seio materno:

I.) Vomitos, e mais vomitos—, o pobresinho está com dispepsia gastrica. O que foi? A mamãisinha, por vaidade, quiz engordal-o depressa, deu-lhe o seio sem conta nem medida, aleitou-o de mais, não teve o devido cuidado em dosar convenientemente o numero de refeições.

—Não, minha senhora, não pode ser assim; nós não nos alimentamos sem regra, e si o fizermos sofreremos.

II.) Outrafórma: Vomitos e mais vomitos tem o pequenito. . . «doutor, não sei porque assim acontece; é verdade que o meu filho é muito guloso, e, por isso mesmo, eu não lhe deixo mammar á vontade, para não tomar leite em demasia; elle chora, fica zangado, porém eu não cedo.» — Minha senhora, tenha paciencia, informe, quanto tempo faz que elle teve o seio? — «Faz tres horas.»

—Ainda bem, V. excia. tenha a bondade de aceiar, novamente agora, ambos os seios, e venha dar, em seguida, de mammar ao seu pequeno.— . . .

---

(4) O neologismo, que adopto e amplio, é de *Variot*.

«Prompta.»

—Muito bem, dê-lhe um dos seios, deixe-o mamar. . ., vou notar o tempo em meu relógio; perfeitamente. . ., retire este, dê-lhe agora o outro. . .; bom, suspenda. . ., deixe-o quieto.— . . . Adormeceu. . ., a ultima porção do leite usado escorreu-lhe, suavemente, pelas commissuras dos labios. . .

—Viu? Não vomitou agora! minha senhora os extremos são viciosos; a senhora, com o receio de dar «de mais», deu «de menos»; a dispepsia gástrica tanto se produz por excesso, como também por deficiência. Nem hyperalimentação, nem hypoalimentação convem praticadas.—

III.) A criança é presa de vomitos: «snr d.:, desde as quatro horas da madrugada, quando mamou a primeira vez hoje, e dahi por deante, toda a vez que lhe dou o seio ella vomita, não pára o leite no seu estomago.»

Conversa puxa conversa, indagando com geio, se vem a saber que a mamãzinha, desde ás nove horas da noite, na vespera, aproveitando o bem estar do filhinho, muito accomodado, que habitualmente dorme até pela madrugada seguinte, sahira, comparecera em uma recepção amiga, onde conversara, *dançara, rão dormira*, tomara alguns gelados, *cock-tails*, compartilhará em um brinde de honra, feito a *champagne* . .

—Basta. . ., comprehendendo. . ., minha senhora; deixe estar o seu pequeno em dieta; hoje não he propine o seu leite, pois este, intoxicado, além do mais, também pelo alcool que o seu sangue absorveu, está determinando a doença do seu filhinho. A dispepsia verificada é de origem toxica.—

Em todas tres hypothèses figuradas, *acurã* foi

a doença essencial; por processos diferentes identico soffrimento. Os exemplos poderiam ser multiplicados, sob varios aspectos.

#### IGNORANCIA, POBREZA.

A ignorancia das mãis e o pauperismo, por toda a parte, como entre nós, são causas conhecidas e apontadas, responsabilizadas, com frequencia, pelas molestias das crianças.

Collegas que aqui me precederam com a palavra já disseram bastante sobre o quanto poderá a ignorancia das mãis contribuir, sem que ellas saibam, nem queiram, para a morbilidade e a mortalidade das criancinhas.

A ignorancia do modo correcto e util de proceder determina que se deixem levar pelos maos conselhos de incompetentes, por abusões ou erros inventados do povo.

Permittc-me apenas um exemplo, e bastará, no qual se conjugam a ingenuidade e a ignorancia, de mãos dadas com a abusão e o erro.

Criança de enterite grave: estão sahindo nas gengivas os dentes, principalmente os *caninos*?... «Não faz mal, deixe estar, diz a comadre, que sabe estas coisas porque já teve muitos meninos, isto é dos dentes, assim que elles rasgarem tudo passa»... E morre o pequeno, por falta de cuidados convenientes, de tratamento adequado, depois de se lhe applicarem muitos *remedios sobre as gengivas* para as *prêsas* (dentes caninos) romperem! Ou então...: «mizericordia, vosmicê vae chamar dr.? vae dar mésinha



para passar a diarrhéa dos dentes? Olhe, não faça isso, eu não quero me intrometer na vida aheia, porém . . ., eu vi um menino, doente assim, a cue o dr. deu remedio para fazer parar a diarrhéa dos dentes e parou . . ., porém, o dente *passou* na bocca . . ., a bocca entortou . . ., e o menino morreu . . . de convulsões . . . » (!). Muito pode tudo isso, onde . . . «de medico e louco todo mundo tem um pouco.»

O pauperismo actúa de maneiras efficazes e diversas contra a saúde das criancinhas. Em certos casos é a falta de alimentação sufficiente para as mãis, impedindo-lhes de terem leite nos seios, sufficiente para cumprirem o dever de amamentar os seus filhinhos; em outros será a seducção do dinheiro levando a mulher a trocar o filhinho, dono do seu leite, por um outro, de outra mulher, que lhe pagará o toubó, praticado em sacrificio possivel do proprio filhinho espoliado; ainda em outros será a falta de vestimenta protectora expondo a nova creaturinha aos effeitos nocivos do frio, maiores na criança do que no adulto.

E tambem, consequencias do pauperismo: o afastamento da companhia do filhinho, para conter ella ao trabalho ganha-pão, deixando aquelle entregue a cuidados de extranhos, quando é verdadeira a sentença de Pinard—«*o coração, como o seio materno, não tem substituto*»—; a habitação anihygienica em si mesma, sem a precisa illuminação e o arejamento sufficiente; a moradia em logares insalubres por sua natureza, por isso que se encontram casas mais ao alcance das escassas forças pecuniarías.

Quando adoecem os filhos da pobreza, mas ainda se lhe antolham as difficuldades.

Falta-lhe o medico, porque não dispõe de recur-

os para pagar o serviço requerido. Si alcança a receita medica, surge a dificuldade de comprar o remédio, de ter quem faça o curativo necessario.

A falta dos cuidados promptos, caminhará a molestia para a chronicidade, para as complicações, para a morte.

Foi com intuito de prover a estas necessidades, de proteger e de assistir, que, em 1903, nasceu o «*Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia*», filiado ao mesmo programma do «*Instituto*» congenero do Rio de Janeiro, sendo a Bahia o primeiro Estado que acompanhou, no procedimento generoso, a creação feita, na Capital Federal, em 1901, por Arthur Moncorvo Filho, o continuador dos grandes meritos do seu pae, o dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.

A este devemos o passo definitivo para o estabelecimento da Pediatria no Brasil, a qual leccionou por primeiro em nosso Paiz, em 1882, na «*Polyclinica geral*» do Rio de Janeiro, creada por seus esforços e pelos do Dr. Silva Araujo, executando ambos a idéa, proposta de Vienna, onde se encontravam naquelle tempo, pelos seus collegas Pizarro Gabizo e Lourenço Sampaio.

De então nasceu a resolução parlamentar que creou a cadeira de Pediatria nas Faculdades de Medicina do Brasil, sendo Ministro do Imperio um bahiano, moço e illustre, o Conselheiro Dantas, de prenome Rodolpho.

Proposta a sua fundação em Março de 1903, realizou-se em Agosto; installado em 11 de Outubro, o *Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia*, aos 13 de Maio de 1904, começou a trabalhar

no seu *Dispensario Infantil* em prol da conservação da saúde, contra as doenças, e contra a morte das criancinhas.

Apezar de todas as ingratidões, de todas as injustiças do meio e dos homens, o «Instituto» não morreu, vive, e, sem interrupção, até agora, no seu «Dispensario Infantil», em todos os dias uteis, no seu ambulatorio, têm sido servidos os meninos pobres, com os recursos do medico, dos medicamentos, por vezes da dieta...

Durante vinte annos foi, quasi isolada, esta iniciativa particular do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia que suppria aqui as necessidades; com ella contavam as crianças doentes para lhes acudir ás faltas de tratamento adequado.

Por fim o Governo federal cogitou do problema da infancia, acordando da lethargia criminosa em que, até então, se mantivera; creou o serviço official de Hygiene infantil, no Rio de Janeiro, cabendo a sua direcção ao eminente pediatra Fernandes Egueira.

Foi, em seguimento, creada a «Liga bahiana contra a mortalidade infantil», sob a direcção de Martagão Gesteira, cuja competencia e operosidade bem conheceis. Com esta «Liga» se fez o entendimento do Governo federal para a realização dos serviços officiaes de Hygiene infantil neste Estado, serviços que fôram suspensos com o advento da «nova republica».

A «Liga», além de outros valiosos serviços, dos quaes tendes tido noticias, nestes dias, aqui, creou o «Instituto Arnaldo Baptista Marques», onde, desde o anno p. p., funciona um serviço de polyclinica infantil, sob as vistas competentes e orientação especializada do seu director e benemerito creador.

E' com intenso prazer que eu vejo, nos dias e nos tempos que estamos assistindo, o despertar promissor de tantas actividades novas, de tantas sympathias ardentes pela cuidado das crianças.

A messe é grande. . ., os cultivadores são poucos, . . .; ha tanta necessidade a supprir!

Os recursos de bolsa são sempre escassos; venham, incondicionaes, os recursos da sciencia, os recursos da consciencia, e os recursos do amor.

Tudo pela criança... Ella é o futuro . . ., ella é a esperança . . .

#### PROVIDENCIAS . . .

Em todos os tempos o homem tem procurado meios de atenuar e supprir o soffrimento, de alongar a vida, adiando, o mais possivel, o momento da morte.

«*Altissimus creavit de terra Medicinam*»: O Altissimo creou a Medicina da terra.

«*Honra Medicum propter necessitatem, etenim illum creavit Altissimus*». Honra ao medico por amor da necessidade, porque o Altissimo creou a elle.

E' verdade incontestavel a sentença, que mais parece um absurdo: o homem nunca está tão perto de morrer como exactamente no momento de nascer.

São taes e tantas as transformações que o organismo experimenta ao passar do seio materno para o ambiente novo! A pelle troca o contacto do liquido amniotico, em temperatura tepida e constante, pelo do ar, que é mistura gazoza, de temperatura variada e variavel; os pulmões, quietos até então, inauguram o seu funcionamento, inspirando e expirando; modificações

profundas se dão no trabalhar do coração, no caminhar do sangue por determinados conductos arteriaes e venosos; a nutrição por alimentos já promptos, assimilados, vehiculados pela onda vermelha que transita pelo *junculo*, suspende-se e deverá ser feita haarindo na onda branca do «manjar dos deuses» (5), filtrando dos seios maternos, os principios uteis que o seu appareho digestivo terá de preparar por sua propria conta; installam-se trabalhos secretorios necessarios dal em deante, inauguram-se necessidades organicas excretorias...

Em tudo isso, são taes e tantas as mutações complicadas, a se fazerem de chôfre, que é muito mais admiravel o nascituro conseguir viver do que vir a fallecer. E', realmente, muito mais facil morrer o homem no proprio momento de nascer.

Por outra face, custa comprehender, doe verificar na pobre creaturinha o acerbo espinho do soffrimento.

Razão, muita razão e justiça, teve Hugo quando disse: «*Qui a vu la souffrance des hommes n'a rien vu, il faut voir la souffrance des femmes; qui a vu la souffrance des femmes n'a rien vu, il faut voir la souffrance des enfants.*»

Bem se justificam, portanto, quantas penas e providencias se tomem para evitar, para diminuir, para abalar, para extirpar o soffrimento das crianças; nunca serãc demais todos os meios e modos de assist-las em taes condções. E, neste particular, quanto mais fórmos conseguindo fazer, mais iremos verificando que muito nos falta praticar. Acontece, no caso ver-tente, o mesmo que succede ao sabio: «quanto mais

---

(5) O leite.

sabe, melhor conhece que nada sabe deante do que a ti lhe resta por saber.»

Outro não é o motivo por que o «Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia», fundado ha 28 annos (ha tres dias passados), já tendo o seu «Dispensario Infantil», que completará tambem 28 annos de trabalhos em 13 de Maio do anno vindouro, não deu por sufficientes os seus esforços, apesar de conta: 48.620 crianças já tratadas naquelle seu conhecido «Dispensario», em 115.016 consultas medicas gratuitas, ás quaes se forneceram tambem os curativos e medicamentos necessarios em 120.450 formulas. Anda empenhado, vae por dezeseis annos transcorridos, em dotar esta cidade com um «Hospital para crianças», onde estas, principalmente quando ces protegidas, possam encontrar o que sómente assim, em estabelecimento de semelhante natureza, se lhes poderá proporcionar.

#### HOSPITAL

Do latim *hospes*, significa uma casa de caridade, estabelecida principalmente para receber e tratar gratuitamente os doentes indigentes, na accepção actualmente commum.

E sempre fôram tantos aquelles que carecem de semelhantes soccorros que Delavigne já exclamava:

- « Ah! neste seculo fatal
- « Ainda se encontra concurrencia
- « Na porta do hospital. »

Bate os antigos não havia semelhantes estabelecimentos.

A *hospitalidade* era exercida, por todos os ricos, senhores, poderosos, em todo o tempo e lugar, como um dever para com os pobres, os servos, os fracos. Acredita-se que os primeiros estabelecimentos hospitalares fôram fundados no fim do IV seculo. Destinavam-se a receber os estrangeiros e os viajantes, chamavam-se *xenodochia* e só incidentemente recebiam enfermos e doentes.

Constituia a *xenodochia* uma transformação da antiga *hospitalidade*, que não tardou a desaparecer.

A tradição attribue a Fabiola, nobre senhora romana, a fundação do primeiro hospital de doentes, *nosocomio* chamado.

O exemplo de Fabiola contagiou. Senhoras se reuniram, estabeleceram-se na Palestina, sob a direcção de S. Jeronymo, abriram casas para doentes.

O imperador Constantino, São Basilio, São João Chrysostomo encorajaram a criação de *hospitales*, e deram a estes estabelecimentos os seus primeiros regulamentos.

Os hospitales de Byzancio citaram-se como modelos.

O imperador Juliano, apesar de antichristão, estabeleceu em seu imperio asylos publicos, para os pobres e os enfermos.

Com o Christianismo, a estender-se cada vez mais os bispos e os abbades se constituiram grandes impulsionadores da criação e multiplicação dos hospitales, para cuja installação e mantença contribuíram grandemente os donativos dos fiéis.

Do mesmo passo, leigos piedosos estabeleceram varios hospitales; creados, porém, em sua maior parte

não puderam ser conservados á falta dos necessarios recursos materiaes.

Em França, o primeiro hospital assignalado na historia é o de Lyon. Fundado em 542 por Childebert, primeiro filho de Clovis, e por sua mulher, a rainha Ultrogotha. Foi reconstruido por diversas vezes, augmentando consideravelmente, é hoje o «Hôtel-Dieu» de Lyon.

Logo depois se abriram os hospitaes de Reims e de Autun.

As casas *hospitaes* multiplicaram-se nos seculos seguintes.

No seculo VIII Roma possuia cinco hospitaes.

Os Arabes musulmanos, estabelecidos em Espanha, fundaram em Córdoba um magnifico hospital, onde praticavam e se formavam medicos.

Em começo do seculo IX, no reinado de Louis Débonnaire, pela primeira vez em Pariz, se fez conhecido o «hospital São Christovão», que se tornou mais tarde o «Hôtel-Dieu.»

Nos seculos XI e XII duas molestias, importadas do Levante pelos «Cruzados», a «lepra» e o «mal dos ardentes», determinaram a criação de muitos estabelecimentos hospitalares novos, especiaes: nos paizes christãos mais de dezenove mil; e, somente em França, dois mil no reinado de Luiz VII.

A partir do seculo IX fundaram-se ordens religiosas com o objectivo de soccorro aos enfermos, o que muito contribuiu para se multiplicarem os estabelecimentos hospitalares.

A maior parte dos hospitaes fundados do XII ao XVI seculo tinham destinos especiaes: para homens, para mulheres solteiras, para viuvias, para viajantes,



para peregrinos, etc. Não se preocupavam, entretanto, de curar os doentes, até porque a medicina, embora já fôsse muito adeantada entre os Arabes desde o VIII e o IX seculo, esteve na sua infancia, na Europa christã, durante quasi toda a idade média.

Seria longo, e fastidioso, quasi mesmo impossível, pretender eu dizer-vos, no espaço de tempo razoavel deste nosso colloquio, a historia completa do desenvolvimento dos *hospitaes* no mundo.

#### CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Com Vicente de Paulo nasceram as «irmãs de caridade» e os primeiros «hospitaes para crianças» na Europa.

Vicente de Paulo constituiu-se o maior patrono das criancinhas, mormente as debeis, maltratadas, abandonadas. O seu nobre e caridoso exemplo incentivou a collaboração, digna de ser citada, da nobilissima senhora Legras, cujo coração esteve sempre ao serviço dos pobres e dos enfermos.

Em 1638 Vicente de Paulo fez em favor dos pequeninos soffredores uma santa cruzada, semente bendita do hospicio dos «*Enfants assistés*», de Pariz.

«Desgraçado o egoista que se desinteressa da infancia», exclamava o illustre jurisconsulto francez, visconde de Bernis.

Em 1791 Armstrong dotou a cidade de Londres com um «dispensario enfermaria» para crianças. Data de 1803 a fundação do hospital dos «*Enfants malades*», em Pariz.

Já em 1869, desde Lisbôa até a São Petersburgo de então, eram em grande numero os hospitaes para crianças.

Assim: em Berlim, o Hospital Elisabeth (fundado em 1843), o Hospital Luiza (em 1844); em Hamburgo (1840), Londres (1853); Edimburgo (1860). Dublin (1855); Moscow (1842), Franckfort (1844), Pesth (1845); Munich (1846), Stockolmo 1834). Em Turim o «Hospital Sant'Anna» (1837), em Vienna o «Hospital São Jose (1842); Copenhage (1845), Graetz (1844), Philadelphia (1856), Brüm (1846); Manchester (1856), Lisbôa—«Hospital de São Vicente de Paulo (1860).

De 1869 para os nossos tempos vêm augmentando, vertiginosamente, de numero os hospitaes especializados para as crianças, no velho e novo mundo, por toda a parte.

A especialidade das doenças das crianças, cujos primeiros passos datam do seculo passado, incrementava-se, desenvolvia-se, proporcionalmente aos campos de observação, de estudo, que se multiplicavam.

Como consequencia da tendencia geral a crear hospitaes para as molestias das crianças, veio a ser a attenção dos medicos e administradores despertada para as modificações e aperfeiçoamentos que era mister emprehender na organização desses estabelecimentos.

Sempre que um novo hospital tinha de ser fundado, se procurava fazel-o obedecer aos preceitos ditados pela razão e pela sciencia.

Procurava-se ouvir a ultima palavra da Hygiene; todos os seus preceitos eram então seguidos, todas as comodidades e necessidades providas. Era estudada a situação do estabelecimento, sua disposição, o nu-

mero e o espaçamento dos leitos que elle deveria conter, o modo de abertura das janellas, os processos de arejamento, de aquecimento, etc.

O estabelecimento das salas e dos pavilhões de reserva, de isolamento, de recreio, a localização dos refeitórios, a criação de gymnasias, o modo de alimentação, eram tomados em consideração.

A criação de camaras electricas, a distribuição das salas de balneação mereceram attenção especial.

Em tempos mais proximos: as salas de mecanc-therapia, de gymnastica orthopedica, as officinas de apparelhos orthopedicos, os serviços de orthophrenopedia, o aproveitamento curativo das aguas e do ar marinho, da luz natural directa (heliotherapia) e da luz artificial, dos raios corados da luz, dos raios ultra-violeta e dos raios infra-vermelho, a roentgotherapia e a radiumtherapia, entraram a constituir preoccupações justas de reunir todos os meios e modos de concorrer para o restabelecimento hygido dos organismos soffredores,

No que tange aos «hospitaes para crianças» conheço de vista muita preocupação sensata, assim tambem muito serviço precioso, que, se depender de mim, não faltará ao futuro «Hospital para crianças» da minha terra natal, a Bahia.

Uma das preoccupações, interessante e singela, que vi, permanente, em alguns hospitaes da Suissa (sob a direcção de Rollier), no hospital de Middleberque (em Ostende, na Belgica), no «Royal Orthopedic Hospital» e no «Evangeline's Hospital» (de Londres), foi a de procurar distrahir as crianças hospitalizadas, proporcionando-lhes a vista de pinturas alegres, scenas da vida infantil, feitas nas paredes ou

em quadros nestas appensas, permittindo-lhes a posse de brinquedos pessoaes, com os quaes se divertem, no proprio leito, em mezinhas dispostas para esse fim, ou o gôzo de velocipedes, cavalos mecanicos, carro-sinhos, pequenos automoveis, etc.

Bem se poderá comprehender tudo isto, reflectindo que o prazer constitúe um elemento de hygidez indispensavel ao menino.

As crianças tristes, conforme as circumstancias, devem ser temidas, ou merecem dó.

O transporte de alegria produz sobre os centros nervosos uma reacção salutar. O prazer age como um poderoso tonico, elle é capaz de augmentar a provisão de energia vital de cada organismo.

Ferdinand Lagrange bem descreveu quanto se poderá observar no homem sob o influxo do prazer, desde a expressão expandida dos traços do rosto e a irradiação da physionomia, até os batimentos accelerados do coração e os movimentos precipitados da respiração até o desprendimento do influxo nervoso galvanizando os musculos e levando, por vezes, no seu paroxismo, ao esfregar das mãos, ao mover agitado dos braços, aos saltos e carreiras. E' muito commum ouvimos dizer: «puleide contente...».

Semelhante observação, colhida em visita áquelles hospitaes citados, no anno de 1913, determinou a aquisição, feita por mim em Pariz, de quadros com figuras e de brinquedos, destinados ao meu serviço clinico, de Professor da Faculdade de Medicina, na enfermaria do Hospital Santa Izabel, desta cidade, onde trabalhava, e onde inaugurei semelhante uso entre nós.

Por um grande caixão, repleto, a Faculdade dis-

pendeu 500 francos (300\$000 ao cambio daquelle tempo). Isso constituiu uma innovação, uma caduice, uma bôbagem, incomprehendida no meio, pela qual fui criticado juncto ao Director—Deocleciano Ramos—, que, diga-se em honra da sua memoria, approvou o meu procedimento, quando tive conhecimento do caso e lhe procurei para assumir a responsabilidade pessoal daquelle despeza.

Aliás, o momento incidente me proporciona informar que tenho tido multiplas oportunidades de me ver censurado por não ser comprehendido; ric-me, insisto, e... depois... assisto victoriosa a minha acção, adoptada, seguida, embora propositadamente esquecida a origem.

Inaugurado oficialmente por mim o ensino da Orthopédia no Brasil, sahindo certa vez do meu serviço hospitalar um pequeno, ao qual applicara um aparelho «minerva» gêssado, para remediar-lhe o «mal de Percival Pott», genuino, com «paraplegia pelvica», do qual era padecente, em caminho encontrou a familia um profissional que lhe dissesse: «isto? ha de curar sete dias depois da morte». (!)

Da confiança com a qual applicava os banhos de sol, nos casos indicados pelo grande Rollier, dos quaes vira tão evidentes e admiraveis resultados na montanha suissa de Leysin, riram-se e motejaram alguns; teriam ainda coragem do mesmo proceder actualmente?

O «hospital para crianças», em construcção por esforços do «Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia da Bahia», nos seus pavilhões n. 2 e n. 3; d. porá de varandas, orientadas para Leste e para

Oeste de modo a serem aproveitados os efeitos benéficos dos banhos de sol.

Situado a cavaleiro e nas proximidades do mar, a «thalassotherapie» também lhe não faltará.

Com os olhos da imaginação entrevejo, para as crianças hospitalizadas desta cidade do meu berço, espectáculos consoladores como aquelles que os olhos da minha face encheram na praia de Berck (á borda do mar da Mancha), nos serviços do Professor Calot, do Prof. Ménard, e dos seus companheiros de trabalhos naquellas paragens: os devaneios nas areias da praia, os banhos de agua do mar aos bafejos da brisa vinda do largo; os velleiros, pelo bom tempo, bordejando com os dentinhos aparelhados, deitados em suas macas, a desfructarem os efeitos benéficos de uma vida e de uma vista assim, em vez de terem elles, a êm de aprisionados os corpos, limitado a olhar ao ambiente de uma enfermaria.

E vejo ainda... porque não dizel-o aqui? Vejo em pratica, assim Deus queira, ao lado dos trabalhos curativos do «Hospital», os serviços preventivos da «classe ao ar livre» e da «escola de sol», aos moldes de Genebra, de Leysin e de Berck-plage.

UTOPIA?... NÃO

IDEAL E FÉ

Loucura, utopia, sonho?

Não, senhores, apenas ideal. Faltam os recursos pecuniarios... Quem sabe? Deus bem poderá suscitar, em favor do «Hospital para crianças» desta capitã, imitadores de um Rizzoli, de uma Ravaschieri...

Na Italia, na cidade de Bologna, em S. Michele in Bosco, visitei um hospital de crianças, denominado «Istituto Ortopedico Rizzoli». A' esquerda do portão principal de entrada, em uma lapida, lêem-se algumas phrases copiadas do testamento do cirurgião Francesco Rizzoli. Ellas dizem tudo, vou traduzil-as para vossa ouy da:

«Reconhecendo ter contemplado bastante os meus parentes mais proximos... vou dispor com animo tranquillo de todos os remanescentes de meus bens para o estabelecimento e manutenção de um Instituto Ortopedico nesta provincia de Bologna, com a intenção ainda de que possa desenvolver-se de modo a servir ao renome de toda a nação.

«Com isto os meus bens, que me adviêrão dos doentes, reverterão em favor da humanidade soffredora, e a criação do dito Instituto, do qual tanto carecemos, redundará em vantagem para a sciencia e arte salutar, á qual, com verdadeiro amor, dediquei toda a vida.

«Como consequencia do quanto tenho dito, declaro instituir e fundar o indicado estabelecimento orthopedico, que quero e nomeio meu herdeiro universal, encarregando a provincia de Bologna de installar, dirigir e fiscalizar.»

Outro aspecto—o «Hospital de Ravaschieri»—, em Napoles, onde tambem andei: Galgados os primeiros degraos, chegando-se ao patamar, destaca-se, em uma lapida, a inscripção que traduzo do italiano.

«Este hospital para meninos, em memoria de Lina, filha unica dilectissima, morta aos doze annos, erigiu a sua mãe—Thereza Filangieri Fieschi Ravas-

chieri, a qual, para tanta dôr, somente na caridade pelos desafortunados encontrou conforto—1880.

Ainda uma demonstração, conhecida e vista por mim, na Italia, em Milão, do quanto pode o coração dominar eficazmente nas distribuições prodigalizadas pelas bolsas bem providas: a “Scuola de lavoro Sofia Carmine Speroni”.

Aquella escola se destina ao aproveitamento pela instrução, pelo ensino, e pelo trabalho, de crianças que poderão, mais tarde, ser ainda uteis, em vez de representarem rebutalhos da sorte.

Alli, paralyticos (por qualquer motivo) dos membros superiores aprendem a escrever segurando a caneta entre os dentes, a trabalhar com pés (cozer, costurar, lavar, engommar, tecer, bordar, trocar bilros de almofada, trabalhar de modista, de alfaiate, etc.)

Amputados dos membros inferiores, devidamente providos de apparatus protheticos perfeitos, caminham sósinhos ou ajudados por uma bengala, entregam-se a varias occupações...

Aquella escola foi creada, annexa ao «Pio Instituto Rachitici» daquella cidade, a expensas do presidente daquelle instituto, em perenne memoria da sua nobilissima consorte fallecida.

São aspectos differentes de advirem auxilios ás obras do bem sobre a Terra.

Por outro lado vale a cooperação de todos, grandes e pequenos, ricos e pobres; a união faz a força..., a fé remove montanhas...

---



VERDADES...

CONFIANÇA...

O homem envelhece, o homem passa, a vida finaliza..., o ideal, porém, é sempre moço o ideal perdura, o ideal não morre...

A criança é a força viva da Nação. A nação brasileira está voltada, no presente momento, cheia de esperança e de fé, para o pinçaro granítico do «Cercovado», sobre o qual, de braços abertos para o amplexo da Sua misericórdia, está o maior amigo das crianças, — Jesus, — Deus e homem verdadeiro.

Mantenhamos forte, e viva, a Nação; combatamos em prol da criança, resolutos, firmes, porquanto ella é o futuro.

«Quem tem Deus no coração não capitula nunca».

## REVISTA DE EDUCAÇÃO

82

# SEMANA DA CRIANÇA

---

*Conferencia realizada pelo DR. ALFREDO BRITO, na Semana da Criança, no dia da «CRIANÇA QUE ESTUDA» — em 16 de Outubro de 1931.*

Coube-me, felizmente, na partilha desta «Semana da Criança», por indicação de Isaias Alves e Martagão Gesteira, falar no dia de hoje que é dedicado á CRIANÇA QUE ESTUDA.

Convidado por força do cargo que eventualmente vim a ocupar, e no qual, provavelmente, terei a duração de um meteoro, sinto-me contente em cumprir o dever que me foi imposto.

Confesso a minha alegria e a minha satisfação em dizer algumas palavras sobre a Criança que Estuda e da sua importancia na organização futura da nossa nacionalidade.

Declaro a minha ventura, neste instante, em poder repetir o que todos sabem, mas que se faz mister repetidamente dito, para que deixe de ser uma miragem de deserto e passe a ser a realização constante de cada dia.

Apezar do luar que já desponta sobre a minha cabeça, transformando em fios prateados os doirados cabelos da minha mocidade, mantenho firme e inaba-

lavel, forte e poderosa, segura e inquebrantavel, a vontade augusta de aprender, a ancia sagrada de cada dia ser menos ignorante.

E' bem justa a frase do notavel pensador, quando diz que ha duas especies de ignorancia. Uma, a do recém-nascido, que tem apenas o instinto da sua conservação, buscando no seio materno o alimento indispensavel para viver. A outra, a de quem estuda, que dá apenas a consciencia de que nada sabe em face do muito que devia saber. Que vê, a toda hora, descer desabaladamente o prato da balança do que não sabe, enquanto, vertiginosamente sobe o outro, onde ajuntou a minguada soma dos conhecimentos adquiridos.

Na luta contra essa ignorancia, com a convicção dessa mesma ignorancia, não deve haver lugar para duvidas nem hesitações, não ha por onde pensar em tibiezas nem desanimos. Cada minuto que passa, cada hora que se escôa, cada dia que transcorre, deve ter sido aproveitado numa aprendizagem qualquer. Cada alvorada que nasce, cada crepusculo que desce, cada seculo que começa está a desafiar as nossas forças, convidando-nos a conhecer os misterios e os encantos que nos rodeiam. Incitemos esta bencita curiosidade que conduz o homem ao estudo, permitindo-lhe arancar dos arcanos da natureza os ensinamentos maravilhosos que vêm enriquecer a ciencia humana.

Os seculos se amontoam, as descobertas se sucedem, os ensinamentos se multiplicam e a nossa ignorancia aumenta, como cresce a escuridão pela noite a dentro, á espera de um raio de sol que não chegou ainda. Foi sempre assim, e assim será por todo

o sempre. Bemdigamos, ao menos, esta consciencia de nossa ignorancia e cultuemos e cultivemos com todas as nossas forças a inclinação ao estudo. O Universo é a luta. Luta o mineral. Luta o vegetal. Luta o animal. Da luta material para viver, passamos á luta intellectual para saber. Ao lado do homem que come, coloquemos, mais alto ainda, o homem que estuda.

Aprendamos a lutar e ensinemos a lutar contra a ignorancia. Luta sem treguas, luta de todo instante, luta que deve começar no berço e acabar no túmulo.

Despertar na criança o amor ao estudo, manter no adulto a vontade de estudar, é obra grandiosa das boas fadas e dos deuses.

Fadas e Deuses sois vós, professoras e professores, apóstolos do bem, semeadores de saber, caminheros do ideal.

Bem dita profissão que vae cuidar com o seu carinho, que vae zelar com a sua bondade, que vae desenvolver com a sua ciencia a maquina mais maravilhosa que já foi criada—o cerebro humano.

Ides com a vossa palavra e com o vosso exemplo, pô: esta maquina a trabalhar e sobretudo e principalmente, incentivar ao trabalho util e proveitoso.

A função da escola na vida de um homem é indiscutivel.

A função do professor sobre o cerebro de uma criança—é indubitavel.

A escola é o ensino, mas a escola é tambem o lar, a sociedade e a patria.

É por sem duvida principal atuação do professor incentivar no aluno o amor ao estudo, desenvolvendo-lhe as boas inclinações e fornecendo-lhe conhecimentos novos.

E a criança que estuda, precisa, para tirar todo o proveito deste estudo, que tenha a conduzir os seus passos hesitantes a orientação firme do seu mestre, para que não possa morrer de sede junto a uma fonte crystalina e pura, nem tiritar de frio sob o sol abrasador de um dia tropical.

Uma planta quando nasce precisa da agua e de sol para crescer e desenvolver-se. Muita agua e muito sol matarão a planta.

A criança tal como a planta precisa de receber dosadamente os elementos necessarios para viver e desenvolver-se fisica e intelectualmente.

A criança que estuda deve merecer a maxima atençaõ de como deve estudar e para que estuda e porque estuda.

O mundo na sua desabalada carreira para o caos, a anarquia ou para a ordem, a perfeição, não sei bem, mudou completamente a face das coisas, influindo, poderosamente, tambem, na criança que estuda.

Hoover, no discurso inaugural da Conferencia de Saúde e Protecção da Infancia, realizada em Washington, em Novembro do ano passado, disse: "Na visão de toda nossa ardidura social, temos formado novas ambições e novas energias, produzindo uma complexidade de vida que não reconhece precedente. Com o maquinismo aumentando sempre o poder e a capacidade do homem, com a eletricidade extendendo sua magia sobre o mundo, com a atmosfera brindando-nos com um reino absolutamente novo, nossos filhos devem estar preparados para novos contatos e para forças inteiramente novas. Devem ser fisica-

mente robustos e mentalmente aptos afim de poderem arrostar a crescente pressão que exerce a vida”.

Já o grande Vieira notava que a pressão da vida vinha diminuindo o tempo de existencia de cada homem e escreveu em um dos seus sermões: “As vidas naquele principio costumavam ser de 7, 8, de novecentos e quasi mil anos; e que brevemente se acabou este bom costume. Então o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar, não a um seculo mais perto dele, é milagre.

Entre mil pessoas, apenas, uma alcança cem anos, nos tempos de agora.

Duração de vida que atinge na epoca atual a media de 50 anos, de acordo com os dados officiaes.

Tudo isso havia de mudar, profundamente, a maneira da criança estudar, dando-lhe novos meios, novos processos, novo ambiente, nova orientação, facilitando-lhe a tarefa e corrigindo-lhe os defeitos, mas sobretudo, preparando-se para a vida.

Ramon Cardozo, num Congresso Pedagogico, realizado em Fevereiro deste ano, em Assunção—Paraguai,—disse que a orientação pedagogica moderna é “preparar homens para o futuro, dotados de ideiaes de paz, de trabalho e de progresso; manter as crianças dentro de um ambiente no qual se renda culto á verdade, á exatidão e ao trabalho; repelir da escola todo motivo de tortura e de odio separador de homens; fazer desenvolver-se a criança de acordo com as leis que regem sua energia vital, com sua propria atividade; cuidar de não deixar escapar a alma da criança por nossa tirania; formar o carater; fazer aprender a viver, vivendo; ter como norma da vida a virtude e o trabalho, conhecer os

rales e a maneira de remedia-los; produzir e ser capaz de produzir o necessario para si, para a escola e para a Nação; imprimir na alma das gerações escolares o selo da atividade pessoal e da vida superior”.

A esta transformação chame-se escola nova, denomine-se escola ativa, apelide-se escola serena, batise-se escola do trabalho, alcunhe-se escola sob medida, pouco importa, ela é o que disse Ferrière, uma escola amoldada á psicologia da criança e como escreveu Claparede—a pedagogia deve partir da criança. A escola para a criança não mais a criança torturada em torno de um programa abstrato.

Neste seculo, que alguém já denominou do seculo da criança, ficaram bem explicitos os seus direitos, para ela que só possuía deveres.

Esses espiritos universalmente reconhecidos e adotados, variam apenas na forma, dependendo do local em que foram proclamados, sendo absolutamente iguais na sua finalidade.

Entre esses direitos, alguns visam, clara e indiscutivelmente, a criança que estuda.

Vejamos alguns exemplos.

No primeiro Congresso Nacional da Criança celebrado em Havana em 1927, foi aprovada por unanimidade a chamada Declaração de Havana dos Direitos da Criança e deste decalogo cito tres itens para documentar a minha asserção:

«A criança tem direito a receber da sociedade os meios suficientes para desenvolver-se livremente, quer no ponto de vista físico, quer no ponto de vista espiritual».

A criança tem direito á alegria, tudo que produza dor ou tristeza deve impedir-se; facilite-se ainda os meios para que ela jogue, cante, corra e ria para sua distração e desenvolvimento das suas aptidões corporaes e estéticas».

A criança tem direito á educação de acordo com os mais avançados postulados da pedagogia.»

Na declaração de Genebra lê-se: «á criança deve-se prodigalizar os meios para que ela realize normalmente seu desenvolvimento físico e espiritual».

Na conferencia de Washington, a que já me referi, foi promulgada a Carta Constitucional da Criança e pela qual o governo se obriga a fornecer «para todas as crianças uma escola livre de perigos, sanitaria, devidamente aparelhada, iluminada e ventilada. Para as crianças menores escolas-crèches e jardins de infância que completem o cuidado domiciliario» e, ainda mais, «para todas as crianças uma educação que, descobrindo e desenvolvendo as proprias capacidades, as prepare para a vida e por meio do treinamento e da orientação vocacional, as prepare para ganhar a vida pelo modo que lhes dê o maximo de satisfação».

É claro que para a realização do estudo, ha emprego de energias, donde a necessidade imprescindivel e incontestavel de que seja fornecido ao organismo da criança o material necessario para a produção destas mesmas energias, que se não devem esgotar.

Forneça se á criança que estuda salas com iluminação bem orientada e bem dosada para poupar a sua retina, evitando a fadiga do nervo otico.

Dê-se a criança que estuda mobiliario escolar



adaptavel á sua altura, mostrando-se a posiçãõ correta para impedir os desvios da coluna vertebral.

Verifique-se se a criança que estuda tem na sua sala ventilação necessaria para evitar que ela respire ar viciado que lhe poderá intoxicar o organismo.

Ponham-se á disposição da criança que estuda instalações sanitarias apropriadas e higienicas

Instalem-se para a criança que estuda bebedouros higienicos com filtros e lavatorios para a lavagem das mãos nas ocasiões recomendadas, de grande eficacia na profilaxia de muitas doenças.

Ensine-se á criança que estuda, a necessidade imperiosa de viver todos os dias algumas horas ao ar livre e receber a influencia benefica dos raios solares. De um recebendo oxigenio indispensavel á vida; dos outros o estimulo para as trocas organicas que dão saúde. Eses meios, no dizer de Vilarino, ajudam o desenvolvimento das atividades psiquicas e materiais que garantem a pujança vital das gerações futuras.

Faça-se a criança que estuda realizar exercicios fisicos, de tão esplendidos resultados para o corpo e para o espirito. Trabalhe-se por acabar com essa multidão de debeis fisicos que perambulam pelas nossas escolas. Melhore-se o vergonhoso indice de robustez dos nossos escolares. Desenvolva-se o fisico dos nossos filhos, facilitando o desenvolvimento mental.

Todos nós desejamos, como diz Morquio, o grande pediatra uruguaio, a criança sã, forte de espirito e de corpo, como expressão de uma raça e de uma civilização que aspiram a ocupar um posto proeminente no futuro da Humanidade.

Transforme-se a criança que estuda num operario

de saúde encarregado de transmitir e propagar em casa os preceitos aprendidos na escola, como disse Miguel Couto, numa situação igual a que me encontro neste momento.

Forme-se na criança que estuda, a consciência sanitária que atualmente se considera — indispensável á felicidade de cada individuo e á prosperidade de cada país, como escreveu Zopyro Goulart.

Dê-se á criança que estuda hábitos higienicos, para despertar e desenvolver-lhe o sentido da saúde e enrijar a sua resistencia física, para que ela encontre, na sua propria vitalidade e na hygiene do trabalho, a alegria de viver, como sentenciou Fernando de Azevedo.

E não é tudo ainda. A criança que estuda precisa de receber os ensinamentos aproveitando do maior numero possível das suas vias sensoriais. Estudar ouvindo, vendo e praticando e muitas vezes sentindo. O complexo funcionamento do cerebro permite que as noções sejam adquiridas por varios processos, se bem que em cada aprendiz haja a predominancia de um, o que não importa que todos sejam empregados.

Estudar é aprender. Estudar é guardar as noções adquiridas. Estudar é armazenar novos conhecimentos. Estudar é instruir-se. Estudar é diminuir a ignorancia. Estudar é aumentar a ciencia. Estudar é fazer trabalhar o cerebro que recebe impressões para guardar. Para tanta e tão grande importancia, facilite-se o trabalho, fornecendo muitas impressões sobre o mesmo assunto, para que ao menos uma delas seja bem guardada. Os processos mnemonicos variam em cada um de nós e daí principalmente os visuais e os auditivos.

As crianças e adultos naturalmente, que estudam, ou melhor, aprendem mais com os olhos do que com os ouvidos em outros acontece exatamente o contrario.

Por isso, a criança que estuda deve utilizar a sua visão e a sua audição e melhor seria ainda, quando fosse possível, juntar a estas, a sensibilidade tátil.

Isso redundaria no desenvolvimento harmonico e simultaneo das memorias visual, auditiva e tátil, o que só lhe seria proveitoso.

Uma noção qualquer que chegou ao nosso cerebro pela exclusividade de um destes caminhos, poderá ser esquecida com relativa facilidade; mas, se ao em vez disso, a noção foi percebida por muitas trilhas ou por mais de uma, difficilmente ela será olvidada.

Perdoem-me exemplificar, mas a demonstração é evidente.

Valho-me da geografia. Ouvir uma aula sobre um país desconhecido, na qual as noções só entraram pelo ouvido, difficilmente o assunto ficará sabido. Mas, se a esta impressão auditiva, ajuntar-se a leitura, a visão do mapa, a feitura do desenho do país, feito pela criança, ou ainda por este mesmo, a moldagem em areia ou barro, e finalmente, para enfiar toda essa variedade de impressões uma fita cinematografica sobre o assunto estudado, o resultado será outro evidentemente. A diferença dos dois processos é palpavel, é logica, é indubitavel, é indiscutivel.

Deste jeito fica enormemente facilitada a função da memoria e conservação.

Quero deixar bem patente o valor inestimavel para a criança que estuda do emprego do cinema

instrutivo ou melhor do cinema educativo. Variarão as disciplinas que se podem utilizar deste processo. No ponto de vista da educação sanitaria o seu emprego é universal. Nesta semana serão passados filmes desta especie. Espero que no proximo ano, seja quem for o diretor do Serviço de Higiene Escolar a educação sanitaria nas escolas, entre nós, será feita com o auxilio de filmes higienicos.

Lembrarei aqui o inquerito realizado, em Setembro de 1927, nos Estados Unidos, entre 11 mil crianças que foram divididas em dois grupos: «A prova do Test, executada sob criteriosa direção, apresentou um aproveitamento de 100 % para aqueles que tinham aprendido com o cinema.»

Lancemos mão desta nova arma educativa para a criança que estuda.

Tiremos do cinema esta vantagem, que lhe possa redimir dos muitos males que tem feito á humanidade. A propria impressão, malefica, muitas vezes, que o cinema produz, demonstra a sua importancia, que deve ser aproveitada, transformando-o em cinema educativo.

Não basta á criança que estuda que ela disponha de todos estes meios, é ainda, indispensavel, saber como os deve utilizar.

Toda maquina depois de um certo tempo de trabalho precisa de um descanso, sobretudo em se tratando de maquinismos novos.

O cerebro da criança, que tambem é u'a maquina, embora de contextura muito mais fina e de tecido muito mais nobre, não pode, e não deve trabalhar horas a fio. E' mister que o trabalho seja inter-

calado de horas de repouso e que, ainda assim, não sejam muitas as horas de trabalho diário.

E' da mais alta importancia evitar-se a fadiga mental da criança que estuda.

Acabe-se com o «regimen dos trabalhos forçados» na expressão de Raquel Tuya, para a criança que estuda.

Foi visando acabar com este absurdo que Lesage apresentou, na Academia de Medicina de Paris, o seguinte voto:

«A Academia, considerando:

1.º—que, nas condições atuaes, o ensino em todos os seus gráus tem frequentemente uma influencia nociva sobre a saúde, o crescimento, o desenvolvimento fisico dos alunos, e predispõe a certas molestias, notadamente a tuberculose;

2.º—que esta influencia nociva é a consequencia, em grande parte, das horas de classe e de estudos numerosos;

3.º—que os horarios, muito sobrecarregados, produzem, para certos alunos, uma fadiga intellectual, e para todos os alunos uma redução muito grande do tempo necessario á vida ao ar livre, á educação fisica, ao jogo, ao repouso, ás refeições, ao sono;

4.º—que o programa e os horarios devem ser organizados menos pelas materias que deveriam ser ensinadas do que pelas capacidades dos alunos, levando em conta a idade, o sexo, as necessidades de uma exis-

tencia bem equilibrada e o estado de saúde, etc...

Roga que o snr. Ministro da Instrução Publica resolva que os programas e os horarios de ensino de todos os graus sejam revistos no sentido indicado pelas considerações acima, isto é, uma diminuição notavel de todos os programas, uma restrição das horas consagradas ao trabalho intelectual, um aumento do tempo reservado á educação fisica, á vida ao ar livre, etc.; que as comissões encarregadas da elaboração dos programas e dos horarios tenham, entre os seus membros, medicos, obrigados pelas suas funções ou uma especialização a se ocuparem mais particularmente da infancia e da mocidade.»

Não ha por onde negar o valor e a importancia da opinião de Lesage.

Sabemos que a capacidade de trabalho do escolar está ligada á sua constituição fisica, fisiologica e psicologica. Ela varia de acordo com a idade, sendo, sempre, critica, por ocasião da puberdade.

Quanto mais ativo o periodo de crescimento, mais necessidade ha de oxigenio para as combustões organicas das celulas jovens. E por serem jovens são pouco resistentes. Esgotam-se rapidamente se forem obrigadas a suportar um trabalho prolongado.

Daí a fadiga cerebral, muitas vezes acompanhada de fadiga muscular, e que deve ser evitada a todo preço.

Evitada sim, porque, devemos fazer obra de profilaxia ao em vez de tratamento.

E' bem verdade que a criança se defende, não presando atenção, quando ela começa a sentir o ini-

cio da fadiga. Bem é que assim seja. Porque numa classe nem todas as crianças têm a mesma capacidade de trabalho. A fadiga sobrevem mais ou menos facilmente de acordo com as aptidões individuais, que por sua vez dependem de fatores hereditarios. Os filhos de alcoolatras e sifilíticos fatigam-se, em geral, mais rapidamente que os descendentes de pais hígidos.

E se porventura houve fadiga, mister se faz que haja repouso até o seu desaparecimento; porque, se recommçado o trabalho intelectual antes disso, pode a fadiga ser transformada em coisa mais grave, podendo chegar ao ponto de inutilizar inteleeiualmente a criança, em que uma bõa orientação teria determinado um desenvolvimento normal.

Não transformemos em anormais pedagógicos crianças que teriam uma evolução mental satisfatória desde que houvesse para elas a profilaxia da fadiga intelectual.

Basta que fiquem nessa classe aquelles outras que trazem do berço o deficit mental, que a ignorancia eugénica de seus pais lhes presenteou.

Crianças estas que precisam ser separadas das outras, para que umas não se atrazem esperando pelas que não as podem acompanhar, nem as outras percam o tempo sem querer seguir as que não podem alcançar.

Apezar da absoluta união de vistas e do interesse maximo das Diretorias de Higiene Escolar e Instrução Publica, até este momento nada foi possível fazer, no particular, o que não significa, porem, que não o possa ser em futuro bem proximo.

Não param ainda aqui os cuidados que se devem ter.

Na criança que estuda precisa ser despertado o interesse pelo que estuda. Não mais se intrometem os conhecimentos pelas mãos ou pelas orelhas. Deve-se fazer nascer o amor pelo estudo e pelo que se estuda. Há, certamente, para determinadas disciplinas, tendências que dependem exclusivamente da criança, mas, muitas vezes, foi o professor que soube despertar estas inclinações. «É o mestre, ao envez de ser assim o ensinante não é sinão o guia precavido, que propõe, a cada idade, as condições naturais de seu proprio desenvolvimento. Ao envez do ensino passivo, decorrente da filosofia sensualista e intelectualista de outros tempos, proclama a necessidade do ensino funcional ou ativo, baseado na expansão dos interesses naturais da criança. Ao envez da escola de ouvir, a escola de fazer, de praticar a vista» como opina Lourenço Filho.

Ao lado do interesse da criança que estuda, é necessario também interessar os pais pelo estudo dos seus filhos. Os circulos ou sociedades de pais e professores têm dado ecelentes resultados na educação do menino. A escola é um prolongamento do lar e só ha bem que pais e mestres se unam em auxilio da criança que estuda.

E agora, ponto maximo, talvez, de tudo que diz respeito á criança que estuda. Ela não pode estudar só. Entregue a si mesma nada poderá conseguir. E então ela precisará para seu guia, para seu orientador —o mestre, o professor. Este precisa ser, para bem representar o seu papel, um grande e profundo conheedor da psicologia infantil, saber da estatica e da dinamica da educação. Conhecer do mimetismo infantil para com o seu exemplo transmitir as melhores



noções. Dar á criança hábitos sadios de higiene e ensinar-lhe a pratica das grandes ações. Despertar-lhe o interesse e desenvolver-lhe as boas tendências, asfixiando as más.

Nem se faz mister que eu diga que para tão nobre e tão grande apostolado o mestre precisa estar isento de necessidades comensinhas, nem sofrer vicissitudes que não condizem com a sua função; precisa desfrutar na sociedade uma independência que não dê lugar a humilhações; para que se possa dedicar, sem preocupações outras, ao exercício sublime da sua função.

O mestre deve-se impôr pela sua atitude digna, pelo seu preparo especializado, pela sua dedicação sem limites. Ninguém merece mais do que ele — o respeito da sociedade, a consideração do governo e a gratidão da criança que estuda.

O professorado deve merecer dos governos cuidados especiais para que lhe seja garantido um bem estar necessario ás grandes responsabilidades que o progresso atual lhe impõe. Deve ser remunerado de modo a usufruir mais independência, melhores condições de vida e assim lhe conservar a saúde, lhe facilitar o estudo e lhe permitir um trabalho satisfatório. O professor deve ser sadio de corpo e de espirito, de perfeita moral, de boa cultura, de energia serena, a fim de que possa desempenhar os seus arduos deveres com assiduidade e dedicação, competência e alegria.

Um professor sadio e feliz pode fazer muito, somente pelo exemplo. A criança que estuda relete os hábitos do professor.

Já houve quem dissesse que se pode julgar da capacidade de um Governo pelo desenvolvimento que

ele dá á Instrução e á Higiene. Colunas mestras da prosperidade de um povo e do progresso de um país.

Doentes e analfabetos são os fantasmas negros do atrazo e da barbaria. Saúde e Instrução são as azas doiradas do progresso e da civilização.

Pensem e reflitam os governos, na verdade desses postulados, que apesar de velhos são sempre novos e não se entibiem nem titubiem em dar á criança que estuda tudo que ela precisa para seu estudo.

A criança que aprende a ler, com saúde, é mais um operario conciente que vae trabalhar na construção de nossa nacionalidade. A criança que estuda, e que se torna homem, conservando o amor ao estudo é mais um cerebro que diminuiu as trevas da sua ignorancia, espargindo ao redor as luzes do seu saber.

A criança—estuda para a alegria dos seus mestres, o orgulho dos seus pais e honra da sua patria.

A criança deve estudar porque o estudo é a propria felicidade.

E' no estudo que vamos buscar, muitas vezes, o balsamo para as chagas da nossa vida, o lenitivo para as dores da nossa alma, o conforto para as atribulações do nosso espirito, e ainda, e ainda mais, o saber para a cultura das novas gerações e a ciencia para a salvação da nossa gente.

Facilitemos o estudo da criança. Estudemos, pois deante de nós está sempre o infinito a desafiar a tenacidade do nosso esforço e a zombar da argucia da nossa inteligencia.

## O educador e os problemas de sua psicologia

(PROF. AETUR MENDES DE AGUIAR)

---

Fundada razão me traz á mesa das conferencias promovidas pela Associação Bahiana de Educação, que as tem realizado sob varias formas, já por ocasião das ferias anuaes, já por meio das «Semanas de Educação», já pela serie que se vem desenrolando no presente periodo, com tanto brilho dos oradores que me antecederam.

Não somente a minha condição de pai, de cidadão e de professor aqui me trouxe, mas, ainda, a admiração que tributo á obra de fé e patriotismo que o dr. Arquimedes Guimarães, e com ele os elementos dirigentes da A. B. E., vêm efetuando entre nós, num esforço continuo, sincero e esclarecido, em prol da instrução na Bahia, assim no ponto de vista de sua execução administrativa, como no ponto de vista da cultura educacional, incrementando uma sociedade como esta, cujos objetivos são os mais capazes de atrair ao seu gremio e interessar nos seus propositos a quantos possuam uma reserva de boa vontade para com os assuntos que tão de perto interessam ao bem social.

E, pois, sendo a educação o objetivo central das cogitações da A. B. E., é cabivel que eu tome para tema da presente palestra a «psicologia do educador».

\* \* \*

Não foi sem excelentes razões que *Eusebietti*, o notável educacionista italiano coévo, consagrou em sua «Pedagogia Generale» todo um extenso título á *Pedeutologia*, que outra coisa não é sinão o estudo de psicologia do mestre. E *Claparède*, referindo-se ao tema escreveu: «Um outro problema que confina com a Didactica é o do mestre. Dado um grupo de alunos a educar, a instruir, qual a attitude que convem o educador assuma diante deles, e qual deve ser o carater desse professor?»

A psicologia do mestre pertence, como se vê, aos temas da psicotecnica. Não ha senão que dar, de inicio, a palavra ao grande mestre suiso, para ouvi-lo dizer que si a escolha dos metodos e do material escolar crea problemas pedagogicos, em maioria de razão merece ser estudada e julgada a influencia que o professor possa ter no desenvolvimento e na formação do menino. Aparecem então, enumeradas, as varias qualidades psico-fisiologicas que os mestres podem possuir. E surgem, então, os problemas relativos ao sexo, á idade, ao tipo mental, ao tipo fisico, á disposição de animo, ás aptidões para ensinar, para educar e para julgar, etc. Cada uma dessas qualidades oferece margem a varias e interessantes questões. Imaginem os que me ouvem como seriam dignas de reflexão as primeiras soluções encontradas para esses problemas!

E' claro que não me refiro ás conclusões apresadas, ás soluções *á priori*, sem fundamento na observação ou em cuidadosas experiencias devidamente controladas.

Aqueles que já se vêm formando ao influxo das novas correntes científicas, e os que, embora iniciados em velhas doutrinas, procuraram atualizar seus conhecimentos, sabem perfeitamente que a época do mero verbalismo já desapareceu. Hoje não se resolvem problemas pedagógicos ou psicológicos, para não referir também a outros domínios do saber humano, por meras expansões literárias nem pelos impulsos mais ou menos poéticos, do nosso coração.

O critério é outro, é muito outro. Os métodos e processos experimentais e demonstrativos, praticados à luz de inúmeros pacientes, de investigações cuidadas, de observações que se registam, de dados que se colejam e comparam, é que fornecem os elementos necessários para que sejam formuladas as conclusões.

Eis aí um vasto campo de aplicação de atividades, que será tanto mais fecundo quanto mais numerosos forem os avizoradores. Aqui o espírito de cooperação é, senão tudo, pelo menos quasi tudo. Quanto mais extenso for o numero dos investigadores, mais seguros serão os resultados, porque estarão mais próximos da verdade.

Examinemos, para começar, os problemas relativos ao sexo. Sobre esse ponto, existem formuladas questões como as que se seguem:

— Quem se presta melhor para ensinar meninos: o homem ou a mulher?

— Desde que grau de escolaridade é conveniente que o educador seja do mesmo sexo que o educando?

3.º problema: Na educação de uma pessoa, qual a influencia paterna e qual a materna?

Os principais problemas desta serie estão aí for-

mulados. Já haverá, porventura, soluções definitivas para êles?

Julgo oportuno observar que, além dos problemas propostos pelos educacionistas e já divulgados, qualquer pessoa poderá também formular os seus, e, o que seria ainda mais proveitoso, communicá-los a esta Associação, para que todos pudessemos conhecê-los e estudá-los, iniciando, mesmo, observações e até investigações. Não seria certamente um trabalho tão completo e tão complexo como os grandes inqueritos psicologicos, realizados com todo o rigor de técnica. Mas já representaria um esboço, uma tentativa, um primeiro passo, incerto como são todos os primeiros passos, na ordem fisica e na ordem moral.

Até agora, que me conste, não foram ainda feitas experiencias, ou quando nada, observações amplas e generalizadas, sujeitas á indispensavel sistematização, acerca dos problemas apresentados, relativos ao sexo.

Ha, entretanto, varios trabalhos esparsos, muitos dêles limitados a simples observações de inspetores escolares, o que, á falta de dados rigorosamente científicos, já representa um apreciavel contingente.

Por vezes — é preciso notar — os grupos de opiniões nesses relatos tornam-se quasi antagonicos, mas costuma geralmente aparecer uma corrente muito numerosa, verdadeira maioria de observadores, que dão ganho de causa a esta ou áquela solução.

Vejamos o caso vertente.

A opinião da grande maioria dos inspetores escolares, em França, na Belgica, na Suissa, e, o que tem muito valor para nós, nos Estados-Unidos, pode ser resumida nos seguintes termos, condensando o

mais que é possível a maneira difusa de muitos d'êles se exprimirem: — «É preferível confiar às mulheres a educação na escola infantil e nos primeiros graus elementares. Nos últimos graus convem que a criança fique entregue a educador do mesmo sexo.»

Já na Alemanha, as conclusões não são precisamente as mesmas. Julgaram muitos diretores de escolas e inspetores de ensino que a instrução às crianças do sexo masculino deveria ser dada por homens, exceção feita, já se vê, do *kindergarten* ou escola infantil pois as mulheres, com a sua brandura natural, sua timidez inata, o temor da luta e do perigo, e, ainda mais, com os mimos e as condescendências que estragam o caráter do menino, podem contribuir para sufocar neste, a serenidade de animo e a capacidade de resistencia ante os contratemplos da paz, no decorrer diuturno da vida, e ante as adversidades da guerra.

Não se vá imaginar, pelo que ficou dito, que é a mentalidade alemã de antes da guerra que estou a refletir. Já é coisa mais recente. Apesar do lastimável estado a que chegou a sociedade alemã, depois da guerra, notadamente sob o ponto de vista moral, o que levou o proprio Ministro do interior, VON KEUBEL a declarar em 1927, no Reichstag, que «é urgente ensinar aos nossos jovens a defenderem-se contra a licença desenfreada que os arrasta atualmente», apesar desse estado de coisas, estão voltando, lentamente e verdade, aquelas antigas idéas que dominaram esse povo, e das quais eram espelhos ou ecos seus escritores e seus filósofos.

Voltando, porem, aos problemas citados e às conclusões expostas, vemos bem claramente que estas

não se harmonizam, pois enquanto uns consideram mais vantajoso que o ensino elementar seja *sempre* ministrado por senhoras ás crianças dos dois sexos, outros fazem restrição, reclamando o ensino feito por homens aos alunos deste sexo.

\* \* \*

De um modo geral, podemos considerar o pensamento educacional do mundo manifestado em tres correntes principais:—a norte-americana, a suíço-franco-belga, e a teuto-italiana, cada qual mais pujante, e posta alternadamente em relevo quando algum sabio de seu grupo consegue renome universal.

Não vale com isso dizer que não tenham expressão a pedagogia escandinava, a da Russia, a dos Balkans, a da Iberia, mas é que aquelas tres são por assim dizer autonomas e centrais, de que as outras são satelites.

Para nós do Brasil de hoje, a corrente norte-americana é a que mais nos vem empolgando, pela coragem de suas iniciativas e pelo vigor de suas creações; e é por ela, em regra geral, que o povo brasileiro vem orientando as suas tarefas e pautando seus planos educacionais.

Pois bem. Vimos que, ao focalizar os primeiros problemas, duas das grandes correntes concluem diversamente da terceira.

Pergunto: si houvessem sido applicados os processos modernos de pesquisas, sem esquecer os *tes-tes*, não seria caso de encontrar soluções mais uniformes? Ou essas diversidades teriam fatalmente que



aparecer, tendo-se em conta as condições especiais de cada povo, sua idiosincrasia, suas tendências e suas aspirações?

E mesmo dentro de cada nacionalidade, de cada grupo, não surgem divergências profundas acerca dos mais variados assuntos?

E' da hora presente a controvérsia levantada em nosso país, a proposito do ensino religioso nas escolas, dando oportunidade a que o padre LEONEL FRANCA publicasse o livro, que venho lendo meditadamente, intitulado «Ensino religioso e Ensino leigo.»

\* \*

Passemos a tratar de outra serie de problemas: --são os atinentes á *idade* do educador.

1º.—A idade do educador tem alguma influencia no ensino? Qual?

2º. Os velhos mestres, mais experientes, serão os melhores professores?

3º. Ou os moços, que estão menos alastados da epoca infantil, podem compreendê-la melhor?

“Em tése—diz o sabio de Genébra— a idade do educador não tem grande influencia sobre a educação, partindo do principio de que o mestre, desde que observe os preceitos pedagogicos, será, em media, um bom professor. Mas, entre um educador não decrépito e um mestre joven, quando gualmente bons no tocante ás qualidades pedagogicas ao primeiro cabe, assegura o autor a superioridade, em razão de sua maior experiencia e do conhecimento mais pratico e profundo da natureza infantil. Esta

provado que em ponto de ensino, mais talvez do que em qualquer outro assunto, a pratica, o exercicio, a experiencia, é de toda a relevancia\*.

\*  
\* \*

Apreciemos, a seguir, a questão do tipo mental, com os seus quesitos:

—Quaes os temperamentos mais apropriados á vocação pedagogica?

—A aptidão literaria e poética seria preferivel á aptidão scientifica?

No primeiro dos dois problemas citados, procura-se saber qual o melhor *genio* (como é vulgar dizer entre nós) para se ser bom professor...—o docil ou o voluntarioso? o frio e reservado ou o agitado e expansivo? o alegre ou o circunspecto?

Na Italia, chegaram alguns doutrinistas á conclusão de que qualquer dos tipos apontados pôde, sob a ação de outros fatores, obter excelentes resultados no ensino.

Considerando a questão em si mesma, ficou entendido entre eles que o bom mestre, o mestre ideal, deve possuir, em dosagem compativel com a dignidade da função e atendendo a que deve lidar com crianças, um caráter que participe um pouco de cada um dos tipos referidos. O que é indispensavel, sim, é a *invariabilidade do caracter* no ponto de vista da retidão.

Por outras palavras:—o mestre precisa de ser, conforme as circunstancias, tolerante ou energico, reservado ou expansivo, alegre ou austero, mas, em

qualquer momento, criterioso nos julgamentos e equitativamente justiceiro.

Quanto ao outro dos problemas desta serie, isto é, si a aptidão literaria e poetica produz melhores professores do que a aptidão científica,—é coisa que ainda precisa de ser bem verificada pelos psicólogos.

\*  
\*\*

Passemos agora a examinar as questões propostas a respeito do *fisico*, isto é, do corpo do educador.

Pergunta-se:

—A estatura do mestre pode influir de algum modo no ensino?

—Certas deficiencias fisicas podem prejudicar o prestigio do mestre perante os alunos?

—Que attitude deve aquêlê assumir para fazer esquecer-las?

Quanto á estatura, não parece que esta possa exercer influencia maior ou menor, boa ou nefasta, no ensino. Basta dizer que, apesar de proposto por GÁLTON, ainda não appareceu quem tomasse a seu cargo a tarefa de examinar detidamente esse problema, critica-lo ou mesmo, pô-lo em evidencia.

Quanto ao segundo, satisfaz CLAPARÉDE, explicando que é falha a instrução que possa ser misturada pelo professor que tenha qualquer deficiencia de sentidos, isto é, que não veja, não ouça bem, etc.

As razões são óbvias: procura-se com isso provar que o ensino não pode ser controlado pelo mestre cujas funções dos sentidos não sejam perfeitas, ou, ao menos, regulares. De fato:—como poderá um

mestre que não enxérga, olhar pela disciplina da classe, corrigir trabalhos dos alunos, fazer explicações servindo-se do quadro negro, etc?

E como poderá o que não ouve, certificar-se do silencio na aula, ou saber se o aluno responde certo ou errado ás suas perguntas?

O mestre gago, o tático, o cicioso, devem procurar corrigir essas imperfeições em seu beneficio pessoal e em beneficio de seus educandos, o que vale dizer, da comunhão.

Para aqueles professores que adquiriram a cegueira, a surdez, ou qualquer outro defeito ou molestia no exercicio, ha o remedio humano e justo da aposentadoria.

Relativamente á attitude que o mestre deve assumir deante dos seus alunos, em qualquer caso de ridiculo no qual possa incorrer, como, por exemplo, uma queda deante da classe, um gesto que atire objetos ao chão, etc., a pedagogia recomenda:—um olhar sereno e cheio de dignidade, sem denotar cólera ou apressuramento, mas apenas profunda calma revestida de circunspecção.

Quando se fizer necessario, a palavra do mestre chamando a attenção de todos para a continuação dos trabalhos, virá corroborar o efeito do primeiro olhar.

Esses e outros conselhos são dados por COUSINET, em sua obra "A autoridade do mestre na classe".

\* \* \*

A disposição quotidiana de animo tambem foi trazida á baila, entre os problemas da pedeutologia.

Esse quesito é precedido de um postulado que adverte o pesquisador.

Ei-lo: — «Pelo fato de ser professor, não se deixa de ser homem; assim, os pezares, as contrariedades, os desgostos podem assaltar o mestre, como a qualquer outro mortal; também a fadiga e o desânimo podem apoderar-se dele. Indaga-se:— que repercussão vão ter essas disposições sobre sua atuação pedagógica?

E' um problema excessivamente complexo, a que se não pôde responder sem muitas observações prévias, efetuadas já individual, já comparativamente, sendo, ainda, de grande valor as informações subjetivas.

Geralmente, se julga que o efeito da má disposição de espírito do professor é sobretudo prejudicial ao ensino, por isso que este estado se reflete sobre a classe inteira.

\* \* \*

Deixando de lado essa questão, passemos a apreciar uma outra, muito mais interessante, e que, ao contrario da precedente, tem tido grande numero de estudiosos e criticos. Refiro-me á questão da *vocação* para o magisterio, em que o proprio autor citado, emquanto nas outras se limitou a enunciar os problemas, nesta illustrou o assunto, discutindo-o, ainda que ligeiramente.

E escreve: «O exercicio de uma profissão é chamado de *vocação* quando corresponde a certas necessidades profundas da alma.

Na vocação de mestre, quais são essas necessidades profundas, que a pratica educativa satisfaz?

Ha-as provavelmente de varias especies.

E enumera:

- 1.º amor desinteressado pelas crianças;
- 2.º tendencia aberrada, de base sexual;
- 3.º ideais de renovação social;
- 4.º desejo de comunicar seu saber;
- 5.º inclinação para mandar;
- 6.º e, finalmente, desejo secreto de punir, de fazer sofrer.

Seria psicologicamente interessante investigar si a volupia (acrescenta CLAPARÈDE) que experimentam certos individuos á vista dos sofrimentos de outrem, poderia explicar a dureza excessiva ou a crueldade de certos mestres. Na mesma ordem de idéas, poder-se-ia tambem indagar si a vocação para o ensino não seria, por vezes, uma sublimação dos instintos de crueldade, como a escolha da carreira de cirurgião seria—na opinião de STEKEL, uma sublimação de tendencias aberradas, gosto de ver sangue, etc.

Que me perdõem (pede o autor) essas comparações que chocarão talvez os ouvintes não iniciados nas teorias freudianas, as quais são entretanto legitimas, ao menos a titulo de hipóteses a verificar.

Os motivos de nossas inclinações emanam do fundo do nosso sub-consciente, e não devemos desprezar as luzes que se oferecem a lançar um pouco de claridade nessas negras profundezas.»

Por ahi vemos bem que, si FREUD teve formidaveis opositores, conta, entretanto, entre os que aceitam sua doutrina, um dos mais fulgurantes psicólogos contemporaneos.

\* \* \*

É tempo de apreciar as aptidões propriamente didáticas do mestre, que se manifestam por três formas: aptidão para *ensinar*, aptidão para *educar* e aptidão para *julgar*, ou seja o mestre olhado como professor, como educador e como examinador.

Um docente pode ter muito elevada uma dessas aptidões e ser falho nas outras. Seria interessante conhecer em que proporção elas se podem encontrar reunidas na mesma pessoa, e como se influenciam reciprocamente.

Sobre essa questão, surgem curiosos problemas. Vejamos alguns deles.—Para preparar bem os alunos, é preferível que o mestre seja claro ou que seja obscuro?

Esse quesito foi sugerido pelo seguinte episódio contado por DE CANDOLLE:

«Fala-se por aí, disse eu um dia a REGNAULT, sabio professor da Escola Politecnica de Paris, que em vossa juventude a Escola produziu mais fisicos e matematicos célebres do que hoje. Será verdade?

—Talvês, me respondeu êle.

—Porque, então?

—Porque, repare bem, nosso principal professor de matematicas era tão obscuro que os alunos fortes se viam na necessidade de reunir-se após cada lição, para a interpretar e refazer. Fui eu que redigi, durante algum tempo, os cadernos para alguns colegas. Você não imagina quanto isso me obrigou a trabalhar.»

E o mesmo DE CANDOLLE acrescenta, paradoxalmente:

«Não são os professores mais eloquentes, nem

os mais claros, que fazem surgir entre os discipulos espiritos perquiridores. Isso é proprio daqueles cujo ensino deixa duvidas a esclarecer e que propõem problemas e questões. Si o mestre cõsegue ensinar tudo excitando a curiosidade, muito bem. Mas si provôca esforços dos alunos em razão de seu ensino mal transmitido, a coisa não é tão lamentavel quanto isso...

Nota-se com surpresa,—prosegue—lendo a biografia dos sabios, quanto eram mediocres varios de seus mestres, e, por outro lado, quantos alunos de professores célebres são mediocres e apagados.

E' necessario convir: os sabios illustres fazem bom ensino, mas o bom ensino não faz sabios illustres.»

As apreciações feitas sobre o problema da clareza ou obscuridade na transmissão do ensino, problema esse considerado, por seu proprio autor, «um tanto bizarro», podem provar a favor do ensino secundario ou do superior. Mas, quanto ao ensino primario, essas proposições não podem ir alem de certa medida. Aliás, em abono deste ultimo conceito, encontramos na Didatica, entre as leis ou principios gerais desta ciencia, o de que «o aluno deve trabalhar por si mesmo.» E sabemos, ainda, que toda a orientação moderna educativa é no sentido de banir os métodos chamados «passivos», em virtude dos quaes o aluno se limitava a ouvir, a decorar e a repetir mecanicamente.

Hoje, conhecemos bem os processos da «escola ativa», a béla concepção de KERSCHEINSTEINER, que FERRIÈRE aperfeiçoou, e que, dia a dia, vae tomando, nos centros cultos, uma feição mais pratica e mais



adaptada ás necessidades naturais da criança e aos seus fins na sociedade.

ZERGIEBEL descreve 2 tipos intellectuaes de mestre: o tipo *mecanico* e o *ativo*. «O primeiro é o tipo do professor erudito e minucioso, cujo ensino decorre em uma ordem rigorosa, nada deixando ao imprevisto; é o homem que, embora *sabendo tudo*, não sabe talvez fazer nada por si mesmo.

O segundo, o tipo *ativo*, é o mestre de espirito mais pronto, que tem idéas proprias, que efetúa, e induz seus discipulos a efetuarem observações originaes, não se limitando a possuir, apenas, conhecimentos tirados dos livros.\*

\* \* \*

Aptidão para educar.

—Quais serão as qualidades mais proprias ao exercicio do ensino: prestigio pessoal, simpatia, etc.?

—Porque, em certos casos, o educador (mestre ou pai) não tem ação positiva sobre o desenvolvimento do menino?

—Porque, ás vezes, essa influencia é negativa, e, não raro, inhibitiva mesmo?

Estes problemas estão começando a ser, agora, estudados de um modo racional. Numerosos psicologos e pedagogistas, atendendo a um pedido formulado pela «Associação Psicológica de Boston», estão realizando, segundo informa *l'Année Psychologique*, os inqueritos nos termos sugeridos por aquela, sendo necessario preencher os dizeres e quesitos que figuram nos boletins ou prospectos para aquele fim distribuidos.

Já aquela Associação tem recebido um certo numero de boletins, devidamente respondidos, alguns até acrescidos com informes que os experimentadores julgaram dever incluir. Mas não quis publicar nenhum resultado até hoje, sob a alegação, aliás justa, de que não ha conveniencia em divulgar dados parciais, que podem estar longe das verdadeiras conclusões a estabelecer; notando-se, mais, que o numero dos prospectos recebidos não representa a vigesima parte dos expedidos, e ainda, que apenas chegaram os dos Estados mais proximos, faltando não somente as de outros Estados, como tambem, muitos que foram remetidos a psicólogos e professores estrangeiros.

É o caso de perguntar aos ouvintes, si não desejam tambem carregar uma pedrinha para a construção desse edificio. Si se acham dispostos a efetuar essas pacientes investigações, é só escreverem á direção daquela Associação, declinando sua idoneidade científica e solicitando a remessa dos boletins e instruções.

Ficam, assim, dependentes dos resultados desse inquerito, os problemas relativos á influencia positiva, negativa, ou inhibitiva, que os pais e os mestres possam exercer sobre o desenvolvimento fisico e moral dos meninos. Bem se vê que não podem ser tomadas como conclusões derivadas de largas experiencias as afirmações de alguns dos discipulos de FREUD, que insistem em dizer que, «para fazer de seus alunos homens livres e senhores de si mesmos, o professor deve ser isento de qualquer dissociação psiquica, de qualquer "complexus" afetivo, capaz de entrar a livre disposição de suas faculdades.»

Pertence, também, a este grupo, o curioso problema seguinte:—Que deve o educador (pai ou mestre) inspirar principalmente:—afeição ou respeito?

Observe-se que a pergunta não é si deve inspirar exclusivamente *afeição ou respeito*; o problema admite que ambos esses sentimentos tenham que ser inspirados; só procura saber qual deva ser mais solicitado ou provocado pelo educador.

Também esse problema está á espera de resolução.

\* \* \*

—Aptidão para julgar.

Os problemas deste grupo decorrem de uma afirmação da corrente suíça, que foi impugnada pelo pedagogo americano DODGE. A afirmação foi esta: «Para ter influencia sobre os meninos é mister penetrar sua mentalidade, sua alma; é preciso compreendê-los.» E Dodge escreveu: «Parece impossível que alguém, com as responsabilidades de psicólogo, tenha assegurado que só exerce influencia sobre quem lhe penetrar a mentalidade, a alma; como si a influencia não pudesse ser exercida sem o concurso da vontade do agente, ou do paciente, ou mesmo de ambos.» Evidencia-se que, embora DODGE não cite nominalmente CLAPARÈDE, é entretanto a este que alude, como autor da afirmação impugnada.

São questões deste grupo as seguintes:

- 1.<sup>a</sup> Como os professores avaliam a intelligencia dos alunos?
- 2.<sup>a</sup> Como um examinador julga um exame?
- 3.<sup>a</sup> Não é esse julgamento uma operação psico-

logica suscetivel de ser influenciada por circunstancias varias, tais como a simpatia ou antipatia que inspire a «cara» do candidato, o bom ou mau humor do mestre, seu maior ou menor cansaço, etc.?

Para obviar a todas essas circunstancias, que conduzem muitas vezes a erros graves, foi que se idéaram os *testes*, cujo estudo e pratica se vêm generalizando, e que têm como expoente maximo em nosso meio o abalisado cientista, dr. Isaias Alves.

\* \* \*

Temos agora, deante de nós, os problemas atinentes á formação do *educador*, problemas esses que dizem muito de perto com a organização do ensino normal. São elles:

a) Qual será a melhor preparação de um educador?

b) Que papel devem desempenhar, respectivamente, os estudos teoricos e os trabalhos praticos?

c) Quando deve ser feita a preparação tecnica do futuro educador: — a par dos estudos gerais de humanidades, á maneira tradicional, ou num curso especializado de ciencias de educação, posterior a um curriculo secundario?

d) Como inspirar nos normalistas o amor pela infancia?

e) O estudo da psicologia e biologia pedagogicas contribuirão para apurar o *senso* e o *tato* psicologicos?

Si não fosse a conveniencia de abreviar esta palestra, haveria muito que notar e dizer no tocante á

organização das escolas normais no Brasil e nos poucos países onde ainda se não efectuou a transformação que nos meios cultos mundiais já está realizada.

A bem dos fóros de cultura educacional da Bahia, é de dever citar, além da pleiade de provectores professores primarios, bem como de outros graus do ensino, que honram nossa terra, os nomes dos drs. Isaias Alves, Anisio Teixeira e Arquimedes Guimarães, que a objéto de estudos, viram de perto, cada qual em sua epoca, o grande laboratorio educacional que é a Norte-America,—e por outro lado, os nomes dos atuais diretor e vice-diretor da nossa Escola Normal, o dr. Alvaro Silva e o prof. Alipio Franca, os quais representam, na direção daquelle acreditado instituto, um pensamento educacional adiantado e progressista, isentos como se acham seus espiritos, de quaesquir concepções retrógradas ou acanhadas, que pudessem acorrentar por mais tempo a Escola aos moldes arcáicos da pedagogia franceza.

E me sinto tanto mais á vontade para lamentar este velho estado de coisas, quanto reconheço, e com desvanecimento proclamo, que a Escola Normal possui um corpo decente de primeira ordem (abstração feita de minha obscura pessoa), professores esses que podem dirigir perfeitamente o ensino das disciplinas a seu cargo, sob qualquer nova organização, por maiores que sejam as modificações a operar.

\* \* \*

Foi ainda EUSEBIETTI que disse que todo educador deve ser um antropólogo, isto é, deve conhecer

muito bem a natureza humana. Indo muito mais longe, FOERSTER pergunta: — « Não seria muito aproveitável aos candidatos á carreira do magisterio, entregarem-se durante algum tempo a exercicios praticos de psicologia animal?

Tais exercicios—continúa—haveriam de desenvolver nos futuros educadores duas qualidades extremamente preciosas, das quais se beneficiariam não somente eles proprios, como seus dicipulos. Essas qualidades são: aptidão para compreender outros espiritos alem do seu próprio, e aptidão para calcular as consequencias da sua conduta em face de algum sêr diferente de si mesmo.

« Eu me explico—prosegue o autor do livro « *A escola e o carater* »: succede muitas vezes a qualquer de nós, agindo seja como pai de familia, seja como professor, ou a qualquer outro titulo, culpar o menino que executou mal uma ordem ou não compreendeu bem uma lição, sem que previamente reflitamos si a culpa foi, ou não, somente nossa. Quando se trabalha com um animal, esse modo de julgar é absolutamente impossivel, porque o animal, menos dócil que o menino, não cêde a esses movimentos de impaciencia, que não só ficam estêreis, como podem entrar a ação do amansador ou ensaiador.

Quando se ensina, ou melhor, ensaia um animal, si o levam por meios diferentes do que os que a natureza traçou, o fracasso é completo, e ninguem terá a ingenuidade de atribuir ao animal a culpa do fracasso.

Manipular (textual), manipular um animal é, pois, uma boa escola de tolerancia e paciencia, que nos ensina, alem do mais, a avaliar a extensão das nossas reações pelo contrôle de seus efeitos sobre outro ser.

Vê-se, portanto, que tais exercícios não ficariam deslocados nas escolas que se propõem á formação de educadores».

\* \* \*

É tempo de terminar estas considerações. Antes de o fazer, porém, tenho que dar um esclarecimento e contar um episodio ocorrido em minha aula de Metodologia na Escola Normal. O esclarecimento é para prevenir a acusação de não ter sido original quanto á materia versada; e o episodio — para servir de refrigerio á austeridade de que sempre se revestem os assuntos científicos,—como esse de que tratei.

A elucidação:—O que ficou dito não tem, realmente, contribuição minha pessoal, senão muito diminuta, quasi insignificante. Mas só pode crear ciencia quem tem requisitos para tanto. Meu trabalho consistiu apenas em, tendo tomado como eixo da palestra os temas de um autor, comentá-los neste ou naquele ponto, com os elementos colhidos em outras obras, sem esquecer o concurso das revistas e publicações recentes de pedagogia e psicologia, nacionais e estrangeiras. E si alguém, porventura, se interessou pelo assunto, não tem mais do que ler os autores que citei, onde encontrarão tudo o que eu disse e muita coisa mais.

Agora, o episodio. Ha alguns anos passados, quando a lei não havia ainda mutilado o ensino de ciencias de educação na Escola Normal desta cidade, tive de explicar ao 3.º ano o ponto referente ás qualidades que se requerem do educador, ponto que tem algumas ligações com a materia aqui tratada.

Vencidas duas preleções, fiz o resumo, classificando em 3 grupos aquelas qualidades: de ordem física, de ordem moral e de ordem intelectual, para facilitar aos alunos a organização de seus esquemas e sinopses, que os levariam á melhor «denominação» da materia. Eram esses, aliás, como se sabe, os processos comuns de ensino nas sessões de doutrina, feição talvez unica da metodologia da época.

Chamei ao acaso uma aluna, aliás muito bem procedida, e fiz-lhe a primeira pergunta:

—Minha senhora, quais são as qualidades que deve possuir o educador?

E ela, resumindo toda a lição em 6 palavras contadas, respondeu com firmeza:

—O educador não deve ser feio.



## Dr. Francisco Marques de Góes Calmon

Em homenagem à memória veneranda do dr. Francisco Marques de Góes Calmon, um dos mais devotados campeões da educação nacional, publicamos abaixo os discursos pronunciados á beira da sua sepultura, no dia do seu enterramento, pelos dignos consocios, professor Francisco da Conceição Menezes, catedrático do Ginásio da Bahia e professora Maria José de Paula Moreira, oradora oficial da Associação dos Professores Primários da Bahia.

### ORAÇÃO DO DR. CONCEIÇÃO MENEZES

«Sr. dr. Góes Calmon. Acaba de encerra-se o vosso ciclo vital. Daqui a momentos a terra receberá os vossos despojos para a obra fria, lenta e implacável da destruição. Dentro de algum tempo, deles nada restará. A ironia cruel do destino nos reserva destes golpes que pungem fundo e desolam pela sua violencia brutal, se bem que inevitáveis no ritmo natural da vida.

Não fostes uma individualidade vulgar, das que se extinguem sem vestígios, no torvelinho do anonimato. Desapareceastes apenas do numero dos vivos, porem, a vossa memoria ha de perdurar sempre, eloquentemente lembrada no coração dos vossos concidadãos, pela copia prodigiosa dos serviços inestimáveis que prestastes á vossa terra.

Por vezes, fostes incompreendido e insuficientemente apreciada a vossa obra. Não importa... Ficai tranquilo por que bem cumpristes o vosso dever e aguardai sereno, na vossa lousa, o veredicto definitivo da justiça imparcial da Historia.

Vossa vida foi uma reta magnifica traçada entre a honra e o dever. Rica de exemplos de energia de carater, força de vontade e gestos de bondade e altruismo, foi brilhantemente pontuada de realizações magnificas.

Professor, advogado, banqueiro, homem de letras, amador das artes e estadista notavel, possuidor de grande talento e apreciavel cultura, tivestes a mais alta projecção no cenario politico e social de nossa terra. Professor catedratico do Ginasio da Bahia, contribuistes com eficiencia para a formação moral e intelectual de varias gerações, brindando-as proficientemente com os ensinamentos fecundos da Geografia e da Historia, ciencias que desveladamente cultivaveis. Como homem de governo, quando a ele ascendestes atendendo aos reclamos imperativos dos vossos concidadãos, tivestes a perfeita noção dos deveres indeclinaveis dos administradores, dos estadistas, dos guieiros de coletividades, não poupando esforços e sacrificios para bem servir á Patria. Os mais serios problemas, por cujas soluções se afere o indice maximo das civilizações adeantadas, foram cuidadosamente tratados na vossa administração, tais como saúde e instrução publicas, aumento das vias de comunicação e elevação do credito publico.

Vossa clara visão de estadista e administrador vos levou á convicção de que estes eram os magnos problemas, os problemas por ecelencia do momento.

E consolidastes o serviço de saúde publica na Bahia, elevando-o á categoria de Secretaria de Estado e organizando os serviços modelares á mesma adstritos que, para honra da Bahia e gloria da vossa administração, ahí estão a distribuir beneficios incontaveis.

A instrução publica foi tambem uma constante preocupação do vosso governo e deve-se dizer, sem receio de contestação, que fostes o governo que mais fez pela instrução publica da Bahia, que em todos os seus departamentos mereceu os vossos mais ingentes e desvelados cuidados. Melhorastes a sorte do funcionalismo publico. Resgatastes a classe vilipendiada e oprimida do professorado primario e lhe destes o direito de viver, assegurando-lhe o conforto moral e material, com a majoração de vencimentos e a criação de um ambiente, propicio a serenas elocubrações. Déstes melhor aparelhamento pedagojico, didatico e material ás escolas publicas. Aumentastes consideravelmente o seu numero. Pelos cursos de ferias combatestes a rotina e novos horizontes abristes aos educadores da infancia. Dotastes de novas instalações os dois institutos officiaes de ensino secundario do nosso Estado e fundastes as Escolas Normaes de Caetitê e da Feira de Sant'Ana e fostes o benemerito remodelador do Ginasio da Bahia, ao qual déstes tudo, com infinito amor, com acendrado carinho. Por toda a parte, abristes estradas de rodagem, novas arterias que teriam de vehicular o sangue novo da riqueza, do progresso, da civilização, no Estado.

Tivestes em mira a proteção á lavoura, com a educação cooperativista, fundando as Caixas Rafeisen e os Bancos Luzati. Reerguestes o nosso credito com a satisfação dos nossos compromissos. Compre-

endendo o valor maximo em nossos dias das especializações e dos tecnicos, promovestes os meios de forma-los, crea-los e incentiva-los, em nosso meio.

Tão alto erguestes os creditos da Bahia e de tal modo a impuzestes no conceito da Federação, que, no vosso governo, ela mereceu a honra insigne de funcionar como Capital do Brasil, recebendo e prestando excepcionaes homenagens a um Principe e Diplomatas estrangeiros, quando da sua passagem pelo Brasil.

Alma nobre e coração bem formado, só tinheis palavras de incitamento e gestos encorajadores para os que, bem intencionados, queriam trabalhar e necessitavam de amparo e de estímulo.

Epoca de completa renovação foi, para nós, a caraterisada pela vossa administração. Agora, chegastes ao termo da vossa jornada terrena e, sobre as palmas que colhestes, tombastes.

Por isso, em nome da Congregaçao do Ginasio da Bahia, de que fostes legitimo ornamento, vos venho trazer o ultimo adeus... adeus sentido e maguado, em que se consubstanciam todas as angustias e todas as dôres dos que ficaram, á borda do vosso tumulo, admirando e respeitando o vosso exemplo. Dormi, pois, companheiro de lutas e anseios. Vossa vida foi uma constante aspiraçao da perfeiçao eterna, de infinita beleza.

Sonhastes sempre com a grandeza da Patria e a felicidade da Bahia. Sempre que pudestes, lhes destes vossa enerjia, vosso trabalho fecundo, vossas ingentes elocubraçoes. Agora, repousai. E quem sabe?... Talvez sonheis ainda... Adeus... Uma lagrima, uma braçada de flôres e o coração amargurado dos vossos

colegas de Congregação, que pranteiam, nesta hora, o vosso infausto trespassse... Adeus!...

---

ORAÇÃO DA PROF. MARIA JOSÉ DE PAULA MOREIRA

“Senhores— Quanto é triste e doloroso, ao beneficiado por alguém, dizer adeus ao seu bemfeitor, no momento da ultima despedida; quanto dói n’alma, quanto corta o coração de quem é grato e sincero, despedir-se de quem neste mundo só lhe soube fazer o Bem!

É triste, é doloroso, mas necessario é que se o diga, afim de que fique patente a todos a sua gratidão imorredora áquele que, muita vez, contrariando interesses de quem quer que fosse, procurou amparar o seu protegido, com justiça, dedicação e carinho.

Pois bem, senhores, é o que aqui faz a Associação dos Professores Primarios da Bahia, ao seu socio benemerito dr. Francisco Marques de Góes Calmon, nosso patricio illustre, nosso ex-governador, em seu nome e em nome dessa classe abnegada que é o professorado bahiano, no momento em que, deixando a su’alma de justo, esse involucro material vóa aos Céos onde, certamente, receberá de Deus a recompensa do Bem que praticou neste mundo.

Espirito do dr. Góes Calmon:

Aqui está junto ao vosso corpo que vai descer á sua ultima morada, não só a Associação dos

Professores Primarios da Bahia, da qual ereis socio benemerito, mas, toda a classe do professorado bahiano, representada por essa mesma Associação, professorado que viu sempre em vós um amigo e bemfeitor. Bemfeitor dessa classe sempre nobre e sempre injustiçada, sempre util e desprezada, sofredora resignada e que encontrou sempre em vós o advogado justo e bom que conheceu e sentiu o sofrer de tantos lares infelizes, os quaes sofriam pela culpa unica que haviam cometido os seus chefes (na sua maioria senhoras) de procurarem conduzir os filhos desta nobre terra pela senda do Dever e da Honra, fazendo-lhes amar á Patria e á Familia e só acima delas a Deus. Comprehendestes, como verdadeiro amigo do Brasil, que não pode haver progresso sem instrução e lutastes e vencestes e reorganizastes o ensino primario de nossa terra, o qual até então vivia sempre esquecido.

Fostes não só o benemerito da Bahia, mas também o da nossa classe, e por isso aqui vimos, cumprindo um dever sacrosanto perante o vosso tumulo, testemunhar-vos a nossa gratidão por tudo quanto por nós fizestes; e o nosso pezar imenso por nos vermos separados de vós que sempre soubestes elevar o nome do professor primario, de vós para quem a gratidão que tenhamos não pagará os beneficios que de vós recebemos.

Cêdo fostes roubado ao doce convivio da vossa idolatrada familia e dos vossos dedicados e sinceros amigos, que choram inconsolaveis a vossa perda, mas, certamente assim o consentiu o Creador. Se assim determinou Deus, aquele a quem adoraveis, como verdadeiro crente que ereis, nos seus altos

designios, é que queria esse Deus Poderoso recompensar-vos do Bem que praticastes na Terra; e só com essa idéa é que se resignarão aqueles que de coração vos queriam.

E nós que somos do numero desses e que muito vos admirávamos, elevamos os nossos corações ao Céu, e, numa supplica ardente, pedimos ao Deus Onipotente para premiar no seu Reino Celeste aquele que, como Jesus, teve amor aos pequeninos, dando disso uma prova frisante na maneira pela qual tratou sempre os mestres dos pequeninos desta Terra.


Dormi em paz, amigo bom e generoso.

Deus coroará de louros que não murcham a vossa frente de justo.

Recebei com flores que depositamos no vosso tumulto, sagrado para nós, as lagrimas das nossas saudades, que não se extinguirão e as flores da nossa gratidão, que será imperecível.

Adeus, amigo da infancia da nossa Terra, protetor do professorado da Bahia. Recebei a homenagem mui singela, porém muito sincera, da Associação dos Professores Primarios da Bahia.

Dormi em paz, amigo bom e generoso".



## INDICE

---

	Pags.
<i>Educação Normal</i> , pelo dr. Isaias Alves . . .	3
<i>A' Margem da Educação</i> , pelo dr. José Rodrigues da Costa Doria . . . . .	31
<i>Dia da Criança Hospitalizada</i> , pelo dr. Alfredo Ferreira de Magalhães . . . . .	58
<i>Dia da Criança que Estuda</i> , pelo dr. Alfredo Brito. . . . .	81
<i>O Educador e os problemas da sua Psicologia</i> , pelo prof. Artur Mendes de Aguiar . . .	98
<i>Dr. Francisco Marques de Goes Calmon</i> , pelo dr. Francisco da Conceição Menezes e prof. Maria José de Paula Moreira. . .	120



## Conselho Diretor da Associação Bahiana de Educação

Abril de 1931 — Abril de 1932

Presidente—*Isaias Alves de Almeida*

1.º Vice-Presidente—*Francisco Magalhães Neto*

2.º Vice-Presidente—*Alfredo Ferreira de Magalhães*

Secretario Geral—*Arquimedes Pereira Guimarães*

Tesoureiro—*Otávio Fontes de Farias*

*Joaquim Inácio Tosta Filho*

*Joaquim Faria Góes Filho*

*Anísio Spinola Teixeira*

*Alberico Fraga*

*Jaime Junqueira Aires*

*Professora Maria José de Paula Moreira*

*Antonio Augusto Machado*

*Alberto Francisco de Assis*

*Bernardino José de Souza*

*Hdefonso Nunes de Oliveira*

*Professora Anfrisia Santiago*

*Professora Zulmira Meireles Torres*

*Professora Alzira de Lourdes Assis*

*Aristides Novis*

*Artur Newton de Lemos*

A REVISTA DE EDUCAÇÃO será distribuída gratis aos membros da Associação Bahiana de Educação

---

Para os estranhos:

Assignatura (seis numeros) . . . . .	10\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000

---

Toda correspondencia deve ser dirigida ao Secretario Geral, na Diretoria Geral de Instrução.